



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Redeenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Maria Emanuela Osb.

EVASÃO UNIVERSITÁRIA DE CALOUROS EM PSICOLOGIA DO CEULP/ULBRA

Palmas – TO

2018

Maria Emanuela Osb.

EVASÃO UNIVERSITÁRIA DE CALOUROS EM PSICOLOGIA DO CEULP/ULBRA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof. Dra. Irenides Teixeira.

Palmas – TO

2018

Maria Emanuela Osb.

EVASÃO UNIVERSITÁRIA DE CALOUROS EM PSICOLOGIA DO CEULP/ULBRA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof^a. Dra. Irenides Teixeira.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Irenides Teixeira

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Prof^a. Dra. Valdirene Cássia da Silva

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Prof^o. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Palmas – TO

2018

A Deus, quem sempre tive por meu ancoradouro.

À minha mãe (*in memoriam*), que me legou a sede de conhecimento.

À minha comunidade monástica, Mosteiro de São Bento, meu maior incentivo em meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Palmas - TO, 2018

Tenho um coração que se alegra com todas as conquistas, mas Deus me concedeu correr de coração dilatado por esse caminho que inúmeras vezes se estreitou. Só a Ele eu recorri, pois nele encontrei forças para desafiar o que parecia quase impossível e sua presença não se afastou de mim, obrigada, meu Senhor e Rei.

À minha mãe a quem inúmeras vezes, pedi conselhos e nela encontrei a palavra certa e o incentivo mais verdadeiro, embora hoje já não se encontre nessa temporalidade, mas me deu por herança um desejo imenso de aprender e uma admiração profunda pelo conhecimento.

À Me. Maria Leticia, minha priora e ao meu mosteiro, por me proporcionarem tempo para me dedicar aos estudos. Sem esse apoio tudo se tornaria mais difícil.

À minha orientadora, Professora Dra. Irenides Teixeira, seu carinho, apoio e compreensão ao longo dessa jornada. Aos qualificadores, Professora Dra. Cássia e Me. Professor Sonielson por suas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa.

A toda a Docência do Curso, com os quais tive a oportunidade de agregar tanto conhecimento e maturidade na minha formação. Principalmente aos Professores Ana Beatriz, Wanda Zamora, Iran Johnathan, Carolina Cótica, Rodrigo Ventura, a vocês minha eterna gratidão.

Aos colegas que passaram da faculdade para a vida: Hudson Eygo, Adriele Monteiro, Elba Cristina, Victor Kasuo, Izadora Maia, Priscila Rego, Sara Gonçalves, Leticia Veras, Eldyane Pereira, de vocês tenho as melhores lembranças.

Ao amado Núcleo Alteridade, no qual fui tão bem acolhida como voluntária e também como estagiária. Aqui aprendi a curar meu olhar e minha escuta, minha eterna gratidão.

Maria Emanuela Osb.

EPÍGRAFE

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência.

CARL ROGERS

RESUMO

A evasão universitária é um problema real carente de estudos no Brasil. Sabe-se que fatores como condição econômica, social e emocional são (co)responsáveis pelo fenômeno, mas não há um mapeamento efetivo sobre o dado. A bibliografia existente sobre o tema aponta que tão trabalhoso quanto o ingresso no ensino superior é a adesão e permanência dos acadêmicos na graduação, principalmente quando você precisa exercer uma atividade de remuneração paralela à formação. A falta de incentivo à formação, o número limitado de instituições formadoras públicas e a vulnerabilidade social são fatores de risco associados à evasão universitária no Brasil. Buscando identificar o perfil dos calouros que evadem no curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra, pautou-se uma pesquisa básica, de abordagem quantitativa e objetivo metodológico exploratório, adotando os procedimentos metodológicos do estudo documental. Após integração dos dados, evidenciou-se que evasão universitária ocorre com acadêmicos calouros e veteranos. Dentre os acadêmicos que evadem na IES pesquisada, o maior percentual está com o grupo de gênero feminino, com faixa etária entre 17 e 25 anos. Analisando a trajetória do curso, observou-se que nos últimos anos a taxa de evasão tem decrescido. Os dados obtidos na pesquisa permitem que a gestão do curso possa criar estratégias para prevenir novo aumento na taxa de evasão do curso de Psicologia. A aplicação de estudos práticos e aprofundados sobre o tema pode permitir novas compreensões a cerca do fenômeno.

Palavras-chave: Migração. Evasão Universitária. Psicologia.

ABSTRACT

College dropout is a real problem of charitable studies in Brazil. It is known that the origin, social and emotional entities are responsible for the phenomenon, but there is no effective mapping on the data. The bibliography appeared on the subject that is so difficult when it is an exercise of higher and permanent education, when one is having a journey of formation parallel to the formation. The lack of training incentive, the limited number of public policy-making institutions and social vulnerability are risk factors associated with university dropout. Searching for grammatical code of calumnies that is not a Ceulp/Ulbra Psychology course, it is a basic research, of quantitative-qualitative approach, an exploratory method, adopting the methodological procedures of the documentary study. After the integration of the data, we showed the occurrence of both with freshmen academics and with veterans. Among the students who evolved in the school studied, the highest percentage is in the female genus group, with ages ranging from 17 to 25 years. Analyzing the trajectory of the course, observed in the last years the rate of evasion has decreased. The data is a research that may be able to make an alert to avoid new cases of avoidance of the course of psychology. However, an implementation of new studies on the topic may allow new looks for the phenomenon.

Keywords: Migration. University Evasion. Psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Profissionais de Psicologia no Brasil inscritos em Órgão Regulador da Profissão - por Região Demográfica.....	12
Gráfico 2 – Comparativo de IES no Brasil e na Região Norte do país por fonte dos recursos.....	13
Gráfico 3 – Comparativo de IES no Brasil, Região Norte do País e estado do Tocantins - por fonte dos recursos.....	13
Gráfico 4 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada por gênero na Gestão 2005 a 2008.....	39
Gráfico 5 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada por gênero na Gestão 2009 a 2014.....	39
Gráfico 6 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada por gênero na Gestão 2015 a 2018	40
Gráfico 7 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada – por faixa etária.....	41
Gráfico 8 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada – percentual por faixa etária.....	43
Gráfico 9 – Ingresso X Evasão de acadêmicos de Psicologia de 2005 a 2018.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CRP	Conselho Regional de Psicologia
IES	Instituição de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
UF	Unidade Federativa
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 MIGRAÇÃO	16
2.1.1 <i>Migração Universitária</i>	21
2.1.2 <i>Adaptação</i>	23
2.1.3 Evasão Universitária	25
2.2 SAÚDE MENTAL	27
2.2.1 <i>Crise e Sofrimento Psíquico</i>	27
2.2.2 <i>Família</i>	28
2.2.3 <i>O jovem adulto na contemporaneidade</i>	30
2.3 VULNERABILIDADES	32
2.3.1 <i>Econômica</i>	32
2.3.3 <i>Emocional</i>	33
3 METODOLOGIA	35
3.1 DESENHO DO ESTUDO	35
3.2 LOCAL E PERÍODO DO ESTUDO	35
3.3 PROCEDIMENTO E UNIVERSO DA AMOSTRA	35
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	37
4.1 PERFIL DOS CALOUROS EVADIDOS NO CURSO DE PSICOLOGIA DO CEULP/ULBRA	37
4.1.1 <i>Evasão universitária de calouros por gênero</i>	38
4.1.2 <i>Evasão universitária de calouros por faixa-etária</i>	40
4.1.3 <i>Evasão universitária X Ingresso de Acadêmicos no curso de Psicologia</i>	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

A palavra migração no sentido amplo significa o movimento de sair e chegar a um lugar, pelo qual, uma pessoa entra em uma cidade, estado ou país e deste para outro. O vocábulo pode ser dividido em emigrar (sair) ou imigrar (chegar/ entrar).

Nesse estudo será empregado o termo migrar no sentido de que pretensos candidatos ao curso de Psicologia deixam suas famílias, casas, cidade/ estado natal em direção à Capital (Palmas/TO), com o intuito de cursar uma graduação, mais precisamente o curso de Psicologia no CEULP/ULBRA.

Todavia, inúmeros problemas barram ou adiam os sonhos de muitos jovens, uma vez que, distante do seu ambiente de convivência e ainda, no dever de trabalhar concomitantemente aos estudos, eles ficam fragilizados, em muitos casos chegam a adoecer.

Diante da gama de complexidades e de todas as novidades que atravessam suas existências, estes acadêmicos se veem sem forças para continuar os estudos, sendo levados a evadir do curso, é quando ocorre o fenômeno evasão.

Nessa pesquisa, será definido como Evadido o acadêmico calouro que desistiu do curso, porém não formalizou essa desistência recorrendo aos mecanismos institucionais para isso, por exemplo: o trancamento da matrícula, a transferência interna ou externa, o cancelamento da sua matrícula.

Este trabalho busca refletir sobre a relação entre a evasão universitária e a migração dos calouros do curso de Psicologia no CEULP/ULBRA. As razões que motivaram essa pesquisa estão na tentativa de elucidar os fenômenos migratórios universitários e os aspectos implicados na adaptação destes estudantes, tais como: o distanciamento da família e dos pares; fatores socioeconômicos e o adoecimento psíquico.

Em Relatório Global publicado no ano de 2017, a Organização Mundial de Saúde – OMS retratou a prevalência dos agravos em saúde mental no mundo como limitantes e/ou incapacitantes. Estima-se que em todo o globo, uma em cada quatro pessoas sofreu ou sofrerá pelo menos um agravo em saúde mental ao longo da sua vida. A Instituição prevê que até 2030, a depressão será a segunda maior causa de incidência de agravos em saúde em países de renda média e a terceira maior em países de baixa renda.

No Brasil a Depressão atinge 5,8% da população (aproximadamente 11,5 milhões de pessoas); Transtornos de Ansiedade que acometem 9,3% da população

brasileira (mais de 18,6 milhões de pessoas); o Suicídio já é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos de idade (OMS, 2017). O relatório apresenta os índices brasileiros como os maiores e, por consequência, os mais preocupantes da América Latina.

Diante destes indicadores e do panorama global, torna-se imprescindível um plano de prevenção a agravos em saúde mental no Brasil. Pensando a progressão dos quadros psicopatológicos apresentados no documento, investir em uma formação de qualidade, que prepare profissionais aptos a atuarem na prevenção e na promoção de saúde mental pode ser um dos caminhos para reversão dos dados apresentados pela OMS.

Por outro lado, a oferta de profissionais da saúde mental pode fornecer aos estudantes acesso de qualidade à saúde, desse modo, é de se esperar que estes acadêmicos desenvolvam preparo psicológico para lidar com as adversidades com as quais eles podem se deparar durante a graduação.

Em nosso país, a saúde mental tem sido foco de atuação basal da Ciência Psicológica. Regulamentada desde 1962, pela Lei Federal nº 4.119, a profissão conta com mais de 50 anos de história no Brasil (YAMAMOTO, 2006). Segundo dados do site do Conselho Federal de Psicologia – CFP, atualmente¹ existem cerca 321.632 psicólogos inscritos em órgão regulador da profissão (CPF, 2018). É importante frisar que se inscrevem nos órgãos reguladores da profissão apenas egressos que, após a graduação, passam a exercer a profissão.

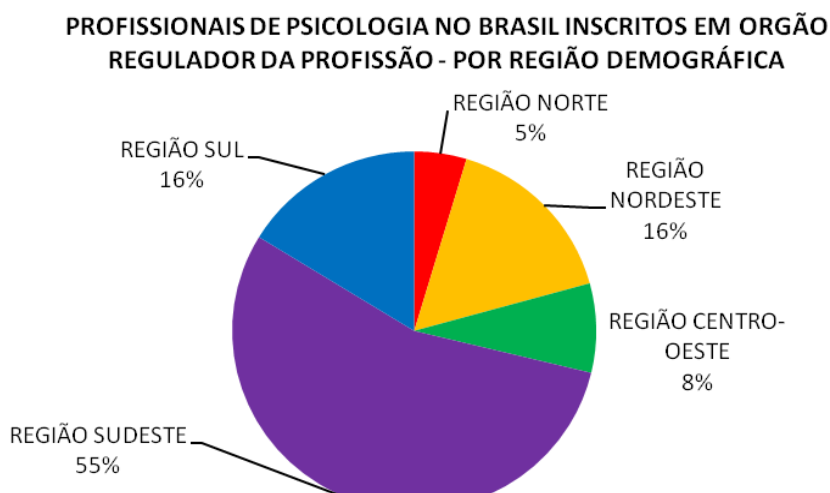
Há um número expressivo de graduados em Psicologia no Brasil que não se inscrevem em órgão reguladores de profissão, uma vez que não exercem a Psicologia como profissão. Bastos e Gomide (1989), concluíram em seu estudo que entre os anos de 1962 e 1985, apenas 50% (cinquenta por cento) dos graduados em cursos de Psicologia no Brasil eram inscritos em seus respectivos Conselhos Regionais. Cabe salientar que até aquele momento o Ministério da Educação e Cultura (MEC) tinha registrado a graduação de 102.862 pessoas.

Ainda segundo dados disponíveis no site do CFP (2018), o maior índice de profissionais graduados em Psicologia no Brasil e inscritos em órgãos reguladores da profissão está respectivamente nas regiões demográficas: Sudeste (com 176.843 profissionais inscritos); Sul (com 52.242 profissionais inscritos); Nordeste (com

¹ Dado obtido no site do Conselho Federal de Psicologia – CFP em 11/09/2018.

51.742 profissionais inscritos); e Centro-Oeste (com 25.825 profissionais inscritos) do país. Sendo evidenciado na Região Norte, composta por 7 estados da federação, o menor índice (14.917 profissionais inscritos), apenas 5% da amostra total, como ilustra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Profissionais de Psicologia no Brasil inscritos em Órgão Regulador da Profissão - por Região Demográfica.



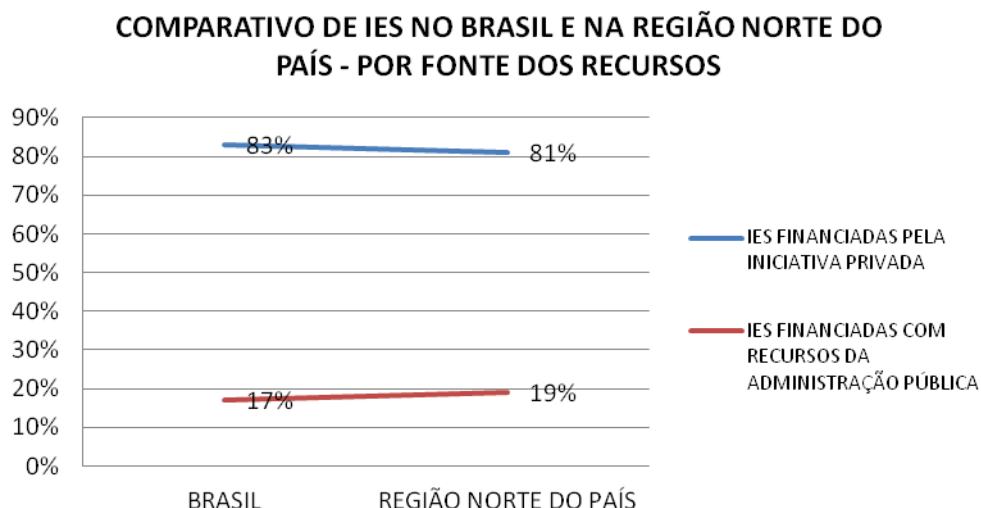
Fonte: Ministério da Educação, adaptado pelas autoras.

Segundo portal do MEC (2018), em 2011, havia no Brasil 439 Instituições de Ensino Superior – IES em funcionamento regular e que ofertavam o curso de graduação de Psicologia em sua grade, destas 76 (17% da amostra) instituições eram financiadas por recursos da Administração Pública do país (Federação, Estados e/ou Municípios) e 363 (83% da amostra) eram instituições da Iniciativa Privada.

Do total de IES que ofertam o curso de graduação em Psicologia no Brasil até o ano 2011, 32 estavam situadas em estados que compõem a Região Norte do país (Acre, Amazônia, Pará, Amapá, Roraima, Rondônia e Tocantins).

Dentre as instituições de ensino superior que ofertavam a graduação em Psicologia da Região Norte do país até 2011, 6 instituições eram financiadas por recursos da Administração Públicas e 26 eram instituições da Iniciativa Privada. Quando comparamos esse dado com a amostra brasileira, percebemos que o percentual é quase o mesmo, como demonstra o Gráfico 2.

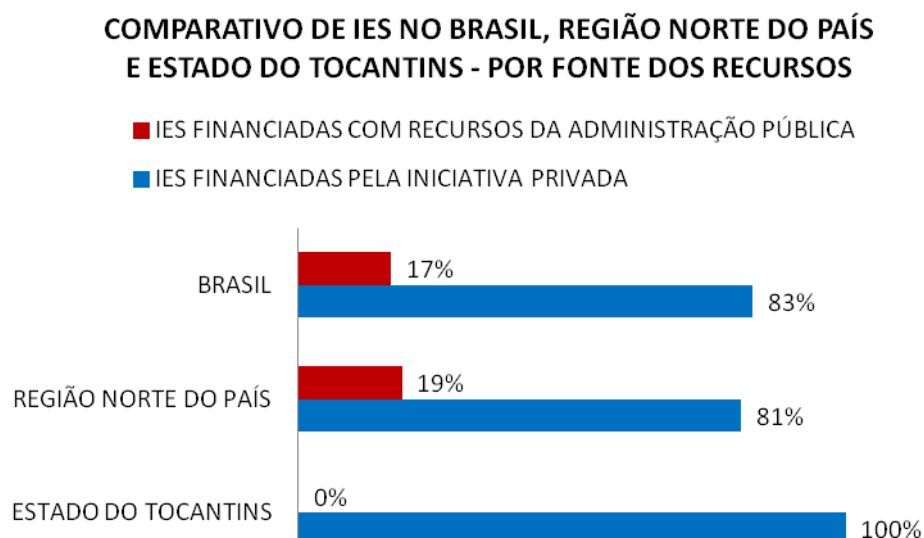
Gráfico 2 – Comparativo de IES no Brasil e na Região Norte do país por fonte dos recursos.



Fonte: Ministério da Educação, adaptado pelas autoras.

No estado do Tocantins, foco do nosso estudo, até 2011, havia 3 instituições de ensino mantidas pela Iniciativa Privada (MEC, 2018). Em panorama com a Região Norte do país e com os dados obtidos em nível nacional, é possível supor que a graduação em Psicologia no país até 2011 era elitizada, e – por consequência - limitava o número de profissionais atuantes em saúde mental no estado, Gráfico 3.

Gráfico 3 – Comparativo de IES no Brasil, Região Norte do País e estado do Tocantins - por fonte dos recursos.



Fonte: Ministério da Educação, adaptado pelas autoras.

Localizado na Região Norte do país, o estado do Tocantins conta com 2.518 profissionais² regularmente inscritos em seus respectivos Conselhos Regionais de Psicologia – CRP (CFP, 2018). Segundo dados disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o estado do Tocantins apresenta, até 11 de setembro de 2018, uma população de 1.559.221 pessoas³ (IBGE, 2018). Com base nestas informações, é possível realizar a estimativa de um profissional de Psicologia atuando para cada 619 pessoas no estado do Tocantins. O site não indica se essa atuação é predominante em serviços públicos e/ou privados.

A realidade é que faltam profissionais graduados no Brasil. Em 2016 a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico publicou um estudo alertando que a falta de acesso à educação ainda é um dos problemas sociais dos países subdesenvolvidos. No Brasil, apenas 14% da população tem ensino superior completo, a média geral dos países subdesenvolvidos é de 35% da população adulta. Segundo o relatório, esse dado é reflexo da falta de investimentos dos governos em educação e acesso à educação (OCDE, 2018).

Sabe-se que muitos são os desafios que atravessam a conquista de um diploma de nível superior. Conhecendo a realidade socioeconômica do país e do estado do Tocantins, é possível inferir que são raros os casos nos quais o estudante de nível superior pode se dedicar exclusivamente a sua formação, tendo que desempenhar atividades trabalhistas para contribuir com a renda familiar, principalmente quando sua graduação ocorre em uma IES privada.

Diante desse cenário é que nasce a problemática: Como se dá a evasão universitária dos calouros de Psicologia na Instituição de Ensino Superior (IES) Centro Universitário Luterano de Palmas (Ceulp/Ulbra), no período de 2005 (ano da formação da primeira turma de Psicologia) a 2018?

O estudo pautou-se em informações colhidas em dados e relatórios fornecidos pela Coordenação do curso de Psicologia da IES pesquisada. O estudo, quanto à finalidade metodológica, foi uma pesquisa básica, de abordagem quantitativa e objetivo metodológico exploratório. Quanto aos procedimentos metodológicos caracteriza-se como estudo documental, uma vez que consulta dados presentes em relatórios e documentos fornecidos pela Coordenação do curso de

² Dado obtido no site do Conselho Federal de Psicologia – CFP em 11/09/2018.

³ Dado obtido no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 11/09/2018.

Psicologia do Ceulp/Ulbra, tendo como parâmetro os dados gerados entre os anos 2005 e 2018.

A pesquisa buscou refletir também sobre a relação entre a evasão universitária e a migração dos acadêmicos do curso de Psicologia na IES pesquisada. Acredita-se que a identificação das relações entre a evasão e a migração pode apresentar dados que subsidiem o planejamento e a implementação de ações que visem diminuir sua incidência.

Na busca pela solução do problema de pesquisa é que se postulou os seguintes objetivos específicos: compreender teoricamente o fenômeno da evasão no ensino superior; contextualizar o curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra no Tocantins e identificar os evadidos por gênero e faixa-etária.

A motivação inicial foi a real necessidade de se compreender o fenômeno migratório universitário na contemporaneidade, os aspectos implicados na adaptação dos migrantes no meio acadêmico. A curiosidade nasceu também da minha aproximação com o tema, durante meu estágio no Núcleo Alteridade⁴, onde pude entrar em contato com acadêmicos que evadiam por razões diversas, mas em todos era possível identificar uma fala carregada de sofrimento - por vezes adoecimento psicológico - maior que a vontade de concluir a formação.

O estudo está organizado da seguinte forma: no capítulo Referencial Teórico, abordando os temas: Migração, Saúde Mental e Vulnerabilidade Social. O capítulo seguinte trará a Metodologia empregada na busca pelos objetivos de pesquisa. Em seguida são apresentados os Resultados e Discussões com base nos dados obtidos após integração dos dados. O último capítulo foi destinado às Considerações Finais advindas dos resultados da pesquisa.

⁴ O Núcleo Alteridade é um espaço institucional de apoio aos discentes disponibilizado pelo CEULP/ULBRA a seus acadêmicos. O Núcleo conta com equipe técnica e de estagiários que auxiliam os acadêmicos da instituição - calouros e veteranos - em suas necessidades de adaptação e/ou inclusão para desempenho das atividades acadêmicas, por meio de materiais didáticos pedagógicos, grupos terapêuticos, espaços de convivências e escuta psicológica. Fonte: Portal CEULP/ULBRA, 2018.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MIGRAÇÃO

Desde os tempos mais remotos, já na história das civilizações bíblica – no ocidente - a migração era um dos modos de viver adotado por inúmeros povos. A migração por si só exerce influência em todos os aspectos da vida humana. Para Carvalho (2008) a migração é uma experiência que se relaciona de forma direta com a identidade do sujeito. Segundo o autor, ao migrar, uma pessoa ou grupo familiar têm sua vida radicalmente transformada. Trata-se de um momento crítico, que, frequentemente, inaugura uma nova etapa de vida.

Conceituada como uma experiência que está diretamente relacionada com a identidade do sujeito, a migração é um processo inerente à existência. Visto que, quando ocorre, a vida do indivíduo e de seu(s) grupo(s) é marcada por uma transformação radical, estes podem experimentar uma ruptura do *modus operandi* que pode ser interpretado como um momento crítico (COGO, 2007).

Na modernidade líquida, que se caracteriza pela fluidez e liquidez das estruturas e relacionamentos humanos, evidencia-se que a migração é um movimento cada vez mais frequente. Neste século, ela perde a causalidade territorial com o enfraquecimento das fronteiras físicas e avança para um entendimento no plano afetivo sensorial (BAUMAN, 2001; CARVALHO, 2008).

A migração refere-se ao deslocamento do sujeito e ao tempo em que ele está envolvido nesta ação. Quando o indivíduo sai do seu país de origem e se fixa em outro é considerado emigrante, em contrapartida, por residir em um país que não é o seu de origem, passa a ser imigrante (VILARINHO, 2018).

Ao discutir o conceito de identidade, frente às mudanças socioculturais inerentes a pós-modernidade, Bauman (2005), defende a formação identitária como alienada ao locus de inserção territorial do indivíduo, aos locais onde ele habita. Muito mais que uma característica subjetiva associada ao lugar de origem, a identidade passa a ser um referencial daquele lugar, daquele povo, daquela cultura, como uma memória viva, existindo nele e longe dele.

A contemporaneidade traz consigo um cenário sem fronteiras e instável, visto que muda seus parâmetros diariamente. É um mundo interconectado, que ostenta luxos, estimula o consumo e esbanja informações, produzindo sonhos e criando expectativas (MARTINE, 2005; SENNETT, 1999).

Mas a interconexão também é responsável pelo aumento da desigualdade social no mundo. Segundo Oulhaj (2007) “[...] autores e organizações denunciam a globalização que consideram como um monstro que agrava a pobreza absoluta e as desigualdades no mundo” (p. 11).

Nem sempre, ao migrar, a pessoa escolhe o novo lugar. Ela precisa também ser aceita por ele. Martine (2005) aponta como exemplo desse processo o grande crescimento da migração internacional que ocorreu em países da Europa, da América do Norte, na Austrália, na Nova Zelândia, no Japão e em países da antiga União Soviética. Se o país não acolhe este migrante, ele se torna um náufrago/apátrida.

Mas há nações que abraçam seus imigrantes,

[...] os países de acolhimento mais importantes são os Estados Unidos da América, a Rússia e a Alemanha. Hoje, 60% dos migrantes internacionais vivem nos países desenvolvidos. A maior parte destes migrantes nas populações destes países está em importante crescimento (OULHAJ, 2007, p. 7).

Percebe-se a migração como um fenômeno que transcende a divisão espaço temporal, sempre (re)significada pelos processos humanos, mas alheia às eras. A migração se torna um desafio tanto para o migrante quanto para as nações acolhedoras. Lima (2012) afirma “que as populações envolvidas em situações de mobilidade vivenciam inúmeras circunstâncias que precisam ser analisadas e mensuradas [...]” (p. 2).

Do ponto de vista econômico, se torna imprescindível a implementação de políticas públicas que deem subsídios tanto para as deslocamentos como para a instalação do(s) migrante(s) no novo lar. A migração como um movimento implica mudanças e expectativas na vida do migrante e seu(s) grupo(s).

No tocante aos diferentes modos de migração, eles podem se caracterizar por migrações voluntárias e involuntárias. A primeira denota-se como um fator planejado, uma vez que comporta um projeto de vida em que pessoas, por diversas razões, deixam seu país de origem e se mudam para outra nação permeada por diferentes contextos sociopolíticos e culturais. Por outro lado, as migrações involuntárias caracterizam-se pela migração de indivíduos que vivenciaram situações traumáticas, tais como: guerra, genocídio, perseguição política, catástrofes naturais, entre outros, cujos familiares e eles mesmos encontraram-se em perigo (BECKER; BORGES, 2014, p. 10).

Migrar evoca movimento e mudanças nas quais estão imbricadas: as escolhas; as relações; os afetos; as situações geográficas; as consequências entre

outros. São conteúdos com os quais o indivíduo terá que conviver, pois influenciam sua adaptação. Silva e Cremasco (2015) discutem que mudar abarca aspectos significantes, tais como “[...] construir uma nova vida, dar significados diferentes ao que era familiar renomear e se deparar com inúmeras perdas como a de pertencer a um grupo que lhe dá identidade e reconhecimento” (p. 2). Dessa forma, o migrar gera mudança(s).

Para Carvalho (2008) “o migrante é, para todos os efeitos, aquele que deixa seu local de origem em busca de um sonho, impulsionado pelos seus desejos” (p. 14). Por estar em busca de algo, torna-se um ser desejante. Estes desejos podem ser compreendidos como projetos de vida a serem satisfeitos seja no campo emocional, financeiro, familiar, social etc.

Não há um perfil uniforme do migrante, “as migrações abarcam tanto os homens como as mulheres e as crianças. Referem-se igualmente tanto aos pobres como aos ricos, aos indivíduos pouco ou nada qualificados, aos quadros e aos estudantes” (OULHAJ, 2007, p. 4).

Movido pela busca pessoal estes indivíduos partem em busca de novas experiências e - porque não dizer - de aventuras, pois a vida é também a arte de aventurar-se, dando um passo à frente na própria história. Muitas civilizações nasceram caminhando em direção ao desconhecido.

As migrações são um dos fenômenos sociais mais impactantes da globalização [...]. Não são poucas as questões que surgem diante da intensidade e da complexidade do fenômeno migratório: é “espontâneo” ou “induzido”? Voluntário ou forçado (GASDA, 2009, p. 4, grifo do autor).

Em nível estrutural, o fenômeno migratório, por suas características, se alinha com as principais mazelas sociais enfrentadas pelos governos na atualidade, pois afetam a economia, a política, a educação, a segurança e a saúde pública. A migração gera: desemprego, epidemias, fome, acúmulo da pobreza, conflitos ideológicos e religiosos, dentre outros.

Sobre a migração como processo de ocupação do Brasil, Lobo (2001) refuta a tese de que ela teria se iniciado no ano 1.500 d.C., com as primeiras caravanas portuguesas chegando ao país, naquele momento colônia. Para a autora é irrefutável que a nação brasileira se consolidou por meio dos processos migratórios, uma vez que as tribos indígenas que aqui já habitavam naquele período também

eram migrantes de outros locais do mundo, num processo de ocupação territorial que levou séculos para se consolidar.

O processo de ocupação do território brasileiro não teria se iniciado e nem cessado com a chegada dos portugueses. Ao longo dos anos seguintes à colonização eles trouxeram consigo populosas caravanas advindas do continente africano, dando sequência ao processo escravizador que já teriam começado – mas sem sucesso - com indígenas nativos (LOBO, 2001; SZMRECSANYI, 2003).

Segundo Lima (2012), a migração corrobora também para exploração da mão de obra de baixa remuneração, em que na luta pela sobrevivência, o indivíduo submete-se a qualquer trabalho, quando não raro vive desempregado. Tal situação gera insegurança, sofrimento psicológico e adoecimento.

Séculos após a colonização portuguesa no Brasil, com fim do modelo escravocrata, mas ainda com foco na exploração do trabalho humano, a migração foi utilizada – mais uma vez – para importar mão de obra barata advinda da Ásia, Síria, Líbano, Itália, Alemanha e Espanha. Houve também povos que escolheram migrar para o Brasil fugindo de guerras e conflitos armados, tal como os Russos e Israelitas (LOBO, 2001).

Na atualidade, os principais movimentos migratórios que chegam ao Brasil, estão motivados por aspectos ambientais, sociais, econômicos, religiosos entre outros, são pessoas que lutam em defesa da vida e da dignidade, que buscam trabalho e estabilidade (CUNHA, 2005).

Vale ressaltar que a entrada de migrantes altera o cotidiano tanto da população nacional quanto das que chegam, de modo que, todos são afetados. Se há, por um lado, solidariedade e preocupação com o bem estar do outro, em contrapartida ocorrem preconceitos políticos, étnicos, ideológicos e religiosos (LIMA, 2012).

Mas o Brasil não é marcado apenas pela influência da migração externa, mas também dos movimentos migrantes internos. Para Cunha (2005), o êxodo rural, a mecanização da lavoura e a escassez de mão de obra qualificada foram os principais fatores responsáveis pela migração interna brasileira, haja vista que muitas famílias foram expulsas de suas terras para ceder lugar aos grandes latifundiários.

O êxodo rural brasileiro, que teve seu apogeu entre as décadas de 1940 e 1950, levou inúmeras famílias – ruralistas em essência - ao meio urbano à procura

de um lugar no qual pudessem ocupar e estabelecer com suas famílias. Esta migração desordenada gerou impactos socioambientais, urbanos, políticos, econômicos que afetam a estrutura administrativa do Brasil até hoje.

Em busca de um novo emprego, melhores salários, estudos e qualidade de vida, muitos brasileiros migram de um lugar para outro na tentativa de alterar suas vidas. Nos últimos 50 anos, o êxodo rural cresceu 45,3% no Brasil. Atualmente, a migração urbana também tem aumentado, mas não supera a evasão do campo. Há vários fatores que explicam o êxodo rural no Brasil, o qual vem ocorrendo com maior ou menor intensidade, sobretudo desde o final da década de 1950. O fato é que a chamada modernização do campo brasileiro foi realizada com base em um modelo concentrador de renda (HARTWIG, 2001, p. 1).

A migração interna gerou, em outros tempos e na contemporaneidade, os deslocamentos em massa. Algumas famílias com melhores condições financeiras enviavam seus filhos para os grandes centros a fim de estudar e galgar uma profissão que lhes garantissem um futuro melhor e ainda tivesse relevância, principalmente social (HARTWIG, 2001).

Outras, em busca de trabalho e de condição de vida melhor, além de estudo, saúde e moradia, migravam. É relevante compreender que a migração interfere em todos os aspectos da vida humana. Tendências antigas e contemporâneas devem ser consideradas e comparadas.

A partir da década de 1930, conferiu-se no Brasil uma sequência constante de mobilidade populacional intra e inter-regional que provocou uma profunda alteração na paisagem urbana do país. O censo da década de 1920 indicava uma concentração de 90% da população brasileira em áreas rurais; já o de 2010 revelou que mais de 80% dos habitantes residem nas áreas urbanas (DADALTO; RODRIGUES, 2015, p. 2).

Em conformidade com Biagioni (2010), percebe-se que a migração ocorre mais como uma questão de garantia de vida com qualidade, rompendo com padrões anteriores elencados subjetivamente pelo migrante. O desejo fraterno de mudança está intrínseco no processo migratório.

No estado do Tocantins, a migração ocorre há décadas, mesmo antes da instituição do estado que se deu em 1988. Muitos habitantes dos estados vizinhos, principalmente Goiás, Pará e Maranhão, optavam por residirem no então norte de Goiás, acreditava-se que a região oferecia melhores condições de educação e cultura (ALVIM, AMARAL, FERREIRA, 2017).

Segundo os autores, esse processo migratório se intensificou de modo mais expressivo com a criação do Tocantins, quando o movimento separatista ganhou força no que se refere ao desenvolvimento político, econômico, social e cultural da região.

Independente de como se dá o processo migratório (interno ou externo, entre continentes, países, estados ou cidades), o foco será sempre uma melhora na qualidade de vida, visando novas oportunidades e a consolidação de processos que dignifiquem a condição humana, seja por meio de um novo trabalho, constituição familiar, segurança, saúde, educação etc.

2.1.1 Migração Universitária

No contexto acadêmico, a migração acontece como forma de investimento na graduação tendo em vista a formação profissional, é o que chamamos de Migração Universitária. Rocha *et al* (2015), discutem a migração como novas formas de mobilidade nos grupos humanos, em que os indivíduos deixam o território de origem e partem em busca de uma instituição superior que lhe ofereça o curso desejado.

Na modernidade líquida a migração universitária vem ocorrendo de forma muito frequente, uma vez que para a família, investir na educação é um legado oferecido aos filhos. Para algumas correntes teóricas, na nova dinâmica de poder, o conhecimento/saber é poder (BAUMAN, 2008; COGO, 2007; FOUCAULT, 2013). A educação se estabelece como canal de empoderamento e libertador para os seres humanos.

Diante da realidade educacional do Brasil, em que há falta de acesso ao ensino superior. A necessidade de ingressar na academia leva muitos jovens a buscar os grandes centros populacionais onde se encontram as universidades. A migração está presente na vida dos brasileiros, sendo corresponsável pela constituição da identidade da nação (LOBO, 2001).

Para Rocha *et al.* (2015), a migração se apresenta de inúmeras formas nos grupos humanos, como por exemplo, na mobilidade em que os indivíduos deixam seu território natal e partem em busca de uma instituição superior em outra cidade que lhe ofereça o curso desejado.

Ingressar e – principalmente - permanecer no ensino superior é um desafio que inúmeros acadêmicos vivenciam ao longo da trajetória acadêmica. A formação é atravessada pela condição financeira, saúde mental, moradia, credos religiosos,

vínculos sociais e tantos outros que permeiam e existência humana. Fixar-se na graduação é também transitar por estes espaços (MARTINE, 2005).

A migração pode ser simples para uma geração que avança cada vez mais na busca de sua emancipação, porém é impactada pelas consequências do ato migratório. Assis *et al.* (2013) vê a migração universitária como um movimento evolutivo que envolve os universitários, favorece o estudo, a troca de experiência e promove o enriquecimento mútuo. Tal movimento sinaliza estudos que podem suscitar ganho para o meio acadêmico.

Para alguns acadêmicos, a migração universitária se configura de modo simples, pois pode ser o primeiro passo para sua emancipação. Para outros essa mudança pode acarretar fatores que influenciam em sua saúde mental e isso não representa um ganho em sua vida, pelo menos nesse momento de crise em que vivenciam sofrimentos.

Para Sennett (1999),

O desejo de status de uma carreira não é, portanto, nada de novo. Tampouco o é o senso de que as carreiras, mais que os empregos, desenvolvem nosso caráter. [...] A pessoa que segue uma carreira define objetivos de longo prazo, padrões de comportamento profissional ou não profissional e o senso de responsabilidade por sua conduta (p. 144).

Para o autor, ainda que o status social ocupe o primeiro lugar na vida de algumas pessoas, para outras esse padrão já foi quebrado, pois elas não estão preocupadas com posição social, mas com seu bem estar, sua felicidade e com um emprego que lhe dê o que sempre almejou: uma condição de vida digna. Ao mesmo passo em que, estas duas polaridades: posição social e ser feliz, não se encontram equalizadas na sociedade, pois existe muita desigualdade social.

Ao ingressar na graduação, o indivíduo almeja-se concluir os estudos e conquistar uma carreira promissora, um trabalho que lhe dê condições de vida digna. É natural que esse sentimento flua em quem investiu em si mesmo para atingir seus objetivos. Desejar vencer faz parte das contingências esperadas e o estudante quer no mínimo, que seus investimentos na graduação revertam em forma de sucesso profissional e status.

2.1.2 Adaptação

Adaptar-se ao novo é desafiador e de certa forma interfere no modo de vida ao qual o indivíduo já está habituado. Quando falamos em Migração Universitária, a adequação em outra cidade, às novas convivências, num ambiente diferente, ao meio universitário exige desinstalar-se das comodidades costumeiras e lançar-se em um mundo completamente diferente.

Morfologicamente, a palavra “adaptação” significa fazer com que uma coisa se combine convenientemente com outra; acomodar, apropriar. Nessa perspectiva busca-se identificar os diferentes caminhos que se cruzam no processo migratório, que provocam situações mais ou menos favoráveis em relação ao bem-estar psíquico dos migrantes universitários. Desse modo, é importante o conhecimento deste cenário para o direcionamento de intervenções, no sentido de promover melhores condições para estes estudantes (ASSIS *et al.*, 2013, p. 2).

Podemos inferir que, ao longo da trajetória acadêmica, o primeiro semestre/ano tende a ser o mais desafiador. Logo, a adaptação do acadêmico calouro ambiente pode ser fator determinante para sua permanência na graduação.

Não raro, existem dificuldades que podem afetar a permanência do acadêmico tanto no novo ambiente social e geográfico, como no ambiente universitário, pois sua vida configurou-se em novos hábitos, que o levou a abrir mão das familiaridades das quais ele dispunha anteriormente (SANTOS; SILVA, 2011). O acadêmico pode não estar preparado para as responsabilidades que implicam em gerenciar sua nova condição de vida.

Birman (2006) evidencia que eclodiu na contemporaneidade a fragilização psíquica advinda da precariedade de investimentos nas relações entre pais e filhos. A carência do investimento afetivo, como a carência da presença parental tem contribuído para a fragilização psíquica, atrapalhando que os jovens tornem-se adultos.

Para o autor, nem sempre o sujeito se adapta ao novo ambiente. Pode ocorrer que, ao optar em residir em outra cidade, seus sentimentos e pensamentos gravitem ainda no lugar em que ele habitava anteriormente. Esses anseios podem representar barreiras que influenciam na adaptação do acadêmico envolvendo-o como um todo.

Os novos contextos, universitário e geográfico, influenciam na vida do indivíduo, pois ele terá que acostumar-se a inovações e essas podem gerar insegurança e até mesmo medo. Para Becker e Borges (2014)

[...] emigrar fisicamente não significa dizer que tenha emigrado emocionalmente, pois ultrapassar as fronteiras geográficas, não se constitui na tarefa primordial da migração, mas sim em transpor as barreiras sociais, econômicas, culturais e linguísticas (p. 11).

Seguindo esse entendimento, é possível afirmar que a migração envolve o indivíduo em todas suas esferas relacionais e adaptativas. Assis *et al* (2013), compartilha deste entendimento. Contudo, o autor cria um alerta os efeitos negativos que há pertinência em dirimir a adaptação vem causando na vida dos acadêmicos universitários.

O fenômeno migratório no campo da educação de nível universitário tem provocado expectativas no que diz respeito ao aspecto da adaptação do estudante a uma nova experiência acadêmica. No esforço para identificar e compreender os sofrimentos psíquicos que permeiam a vida dos migrantes universitários nos deparamos com as mais diversas dificuldades, tanto acadêmicas, pessoais, sociais e econômicas (p. 4).

Nesse desenho de uma adaptação que é exigente, convém ressaltar que não é fácil para quem mudou de cidade/estado/país e de instituição educacional adaptar-se aos novos desafios.

Gonçalves (2001) argumenta que “nesses momentos, não raro o desespero pode bater à porta. Daí a necessidade de criar e fortalecer grupos de acolhida, por meio dos quais os laços rompidos possam ser gradualmente reatados” (p. 9). Da mesma maneira, com migração, novos vínculos afetivos podem surgir e fortalecer o indivíduo em determinadas circunstâncias.

A integração do estudante à universidade seja de forma acadêmica ou social parece não acontecer da mesma maneira para todos os estudantes. Ao adentrar no mundo universitário o estudante passa a fazer parte de um ambiente acadêmico e possivelmente seu comportamento será influenciado e influenciará este novo grupo (BARBOSA, 2013, p. 17).

É nesse contexto que são evocadas a cultura e os laços que ficaram para trás, mas adaptar-se a novos costumes e criar novas amizades é de extrema necessidade, já que essas conexões são inerentes à vida do ser humano, porque uma nova configuração geográfica já faz parte da vida do acadêmico (OLIVEIRA; DIAS, 2014).

No entendimento dos autores, “os calouros consideram as amizades estabelecidas nas primeiras experiências universitárias como elementos que podem

facilitar seu ajustamento ao ensino superior” (p. 7). Na prática percebe-se o quanto isso é importante e merece atenção.

A adaptação ao contexto universitário interfere na vida do indivíduo, pois cada um tem sua idiossincrasia e sua forma de adaptar ao novo.

Para Teixeira *et al.* (2008)

[...] o modo como os alunos se integram ao contexto do ensino superior faz com que eles possam aproveitar melhor (ou não) as oportunidades oferecidas pela universidade, tanto para sua formação profissional quanto para seu desenvolvimento psicossocial (p. 2).

Diante dos dilemas e desafios que atravessam a trajetória acadêmica, fica evidente que a adaptação não resolvida do estudante universitário no primeiro ano da graduação pode desencadear a evasão. Estratégias de fortalecimento de vínculos afetivos, visando minimizar os efeitos do novo pode ser um caminho para reverter esse quadro.

2.1.3 Evasão Universitária

A necessidade de estudar o fenômeno da evasão universitária advém do interesse de investigar porque tantos estudantes que iniciam a graduação, muitas vezes sonhada por anos, decidem abandonar o curso.

Oliveira (2007) considera que “[...] várias medidas de prevenção estão sendo aplicadas com o intuito de tentar reduzir os números que estão evidentes e indicam que existem empecilhos para se concluir um nível superior” (p. 18). Vale considerar que essa realidade merece uma investigação no sentido de contextualizar por quais motivos os acadêmicos evadem.

Em relação aos efeitos da decisão tomada, os alunos referem inicialmente uma predominância de sentimentos de tristeza, solidão, vergonha, culpa e raiva após a saída do curso, contra somente 39% que aponta alívio e satisfação (BARDAGI; HUTZ, 2005, p. 8).

A evasão acadêmica pode ser influenciada por uma combinação de fatores, como vulnerabilidade familiar, social, econômica, política, emocional, entre outras. Essas implicações são agravantes que envolvem o acadêmico e podem impedi-lo de manter-se no curso de formação. Nesse aspecto, estudar a evasão acadêmica deve ser motivo de discussões para os estudiosos.

Para Oliveira (2007) “[...] examinar aspectos ligados à evasão como um fenômeno preocupante que necessita de mais estudos, pois os dados apontam para

a gravidade da situação que prejudica não somente os estudantes, mas as próprias instituições universitárias [...]” (p. 20), tanto do ponto de vista econômico como psicológico.

Estudar pode ser um desafio para aqueles que buscam vencer na vida através do aprendizado acadêmico. A atual conjuntura sociopolítica evidencia o enfrentamento que os jovens fazem para continuar os seus estudos e isso implica saber lidar com certas necessidades, para as quais nem sempre o acadêmico está preparado.

A evasão estudantil no ensino superior pode ser considerada um fenômeno dos mais graves e complexos, envolvendo a educação, que acontece tanto nas instituições públicas quanto nas instituições privadas e em diversos países do mundo. Trata-se de um tema em evolução e estudo e que contribui com consequências significativas para o processo educacional (BARBOSA, 2013, p. 24).

Oliveira (2007) debate o tema evidenciando que “tais necessidades exigiam que esses estudantes administrassem os mais diversos tipos de situações estressoras e conflitos concomitantes que envolviam demandas acadêmicas, pessoais e relacionais (problemas na família e na rede social), entre outras” (p. 1).

A evasão também pode não fazer parte dos projetos de quem inicia sua graduação. Isso decorre de diversos fatores que envolvem a vida do acadêmico.

Desse modo,

[...] diante da imperiosa necessidade de buscar compreender o que ocorre com o estudante que, sujeito a essas experiências aceita trancar o curso, como estratégia de enfrentamento quando não usa de estratégias mais drásticas como, exemplo, o abandono definitivo. É importante pensar no que está ocorrendo no mundo desses estudantes: a que tipo de demanda e de sofrimento está submetido; como estas demandas e sofrimentos interferem com suas atividades acadêmicas; e em que sentido sua qualidade de vida e sua capacidade produtiva estão afetadas [...] (OLIVEIRA, 2007, p. 17).

Nesse contexto de enfrentamento e desafios, Bardagi e Hutz (2005) discutem a crescente da evasão universitária brasileira como um problema de ordem estrutural para a nação. O fenômeno ainda carece de estudos em nosso país, fato que se evidencia na carência de bibliografias que estipulem estratégias de enfrentamento para este problema.

Sabe-se que para dirimir o índice de evasão universitária é importante presumir estratégias de apoio ao acadêmico, pois a falta de amparo pode levar muitos a evadirem e abrir mão do sonho de se profissionalizar. Esses fatores podem

causar sofrimento e afetar vários aspectos de sua vida. Bardagi e Hutz, (2005) “[...] ainda insistem que a evasão é um fenômeno que salienta a necessidade de espaços institucionais que deem suporte às dificuldades do aluno” (p. 2).

Bardagi e Hutz, (2005) citam Mercuri e Polydoro (2004), ao afirmar que

o termo “evasão universitária” normalmente aglutina três possibilidades distintas na relação aluno-instituição de ensino: a) a evasão de curso, definida como a saída definitiva do aluno de seu curso de origem, sem concluí-lo; b) a evasão de instituição, quando o aluno abandona a instituição de ensino em que está, podendo ou não mudar de curso; c) a evasão de sistema, quando o aluno desiste do ensino superior, abandonando por completo os estudos universitários (p. 4).

Não se pode legitimar a evasão universitária. Ignorar o problema é negar uma realidade que pode – em longo prazo – afetar a própria concepção de academia. Se não há estudantes, logo, não haverá ciência em desenvolvimento. Facilitar o acesso ao ensino, tornar a jornada menos árdua, viabilizar processos e garantir o progresso de uma nação.

2.2 SAÚDE MENTAL

Os estudos sobre saúde mental na contemporaneidade tem absorvido um tempo significativo dos pesquisadores que tentam uma definição para o tema, principalmente porque a compreensão de saúde como a simples ausência de doença já se tornou obsoleta.

Na busca por um conceito, optou-se pela descrição de Pereira e Viana (2009), na qual a Saúde Mental passa a abarcar toda complexidade da vida humana, pois

todo estado de saúde e doença é determinado, portanto, pela cultura na qual o sujeito se insere. [...] a maneira como entendemos e lidamos com a saúde e a doença mental está inscrita no mundo social-histórico e é definida pela cultura e legitimada pelo senso comum (p.19).

Qualidade de Vida e Saúde Mental são conceitos que se complementam, ambas devem ser preservadas considerando que, se uma ou outra estiver comprometida podem desencadear situações de crise no sujeito, tais como: dores físicas, ansiedade, melancolia, entre outros agravos de ordem psicoemocionais.

2.2.1 Crise e Sofrimento Psíquico

Em seus estudos, Martin (2012) aponta que “a palavra crise é polissêmica, ou seja, é permeada por significados e sentidos diversos. Ela está presente no nosso

cotidiano desde o discurso mais corriqueiro até os discursos dos centros especializados em saúde mental” (p. 15). A crise se instala na vida do indivíduo e pode ter conotação positiva ou negativa.

Ferigato, Campos e Ballarin (2007) defendem que “[...] originalmente a palavra crise está carregada de elementos que trazem um amplo sentido, o de separação, mudança, desequilíbrio transitório, com possível ocasião de crescimento” (p. 2). Dessa forma entende-se que a crise não é boa nem ruim, ela passa a ter uma dessas representações na vida do indivíduo da maneira que ele a ressignifica.

A crise, em geral, é o determinante das demandas em saúde mental e é um dos fenômenos de maior interrogação entre os profissionais da saúde. Por se tratar de um tema complexo, que carrega consigo as expectativas de uma sociedade e produz um enorme sofrimento no sujeito que a vivencia e em todos que de certa forma a compartilham, deve ser pensada e analisada com cuidado (MARTINS, 2012, p.16).

A crise se desencadeia de forma diferente em cada indivíduo, a depender do contexto no qual ele se encontra inserido, ela pode exercer influências positivas ou negativas.

A crise é um evento que pode acontecer em qualquer momento da vida, principalmente quando nos deparamos em uma situação de conflito, e não nos sentimos capazes de resolvê-lo. Por isso a crise é de caráter pessoal, o que é estressante para uma pessoa pode não ser para outra (SILVA, 2013, p.7).

Tem-se que a crise interfere no equilíbrio do indivíduo gerando tensões, pois a mesma se configura como um comportamento reativo diante de algo desconfortável. A crise desencadeia mudanças no(s) cotidiano(s) do indivíduo, podendo afetar sua saúde mental.

Uma vez que o acadêmico esteja vivenciando uma experiência tão profunda e inquietante como a Crise e/ou o Sofrimento Psíquico, seu processo de ensino e aprendizagem pode estar comprometido, o sofrimento pode tomar um lugar de destaque na sua vida, de tal modo, que ele passa a não ver mais sentido(s) na graduação, chegando até mesmo a evadir.

2.2.2 Família

A família em todos os tempos sempre exerceu um significado importante na vida do indivíduo. Ela represente a base, segurança, o norte entre tantos adjetivos os quais se pode atribuir-lhe.

Torna-se difícil conceber, construir uma sociedade, sem que esta tenha referência na família. É importante ressaltar, também, que modelo supracitado é o idealizado de família. Contudo há famílias, que geram território de disputa e adoecimento (HOMEM, 2011).

Baptista, Cardoso e Gomes (2012) discutem que “a família é a primeira instituição com o qual o indivíduo mantém contato e estabelecem relações sendo ela a responsável pela educação e socialização de seus membros” (p. 16). Ela tem a responsabilidade de orientar, de fomentar valores duradouros os quais servirão de apoio por toda a vida do sujeito.

Bardagi *et al.*, (2012) “a família é o contexto a partir do qual se constroem percepções, valores e crenças sobre si e sobre o mundo, inclusive o mundo do trabalho” (145). Sem o qual não se pode viver, uma vez que o trabalho é determinante, é um dos mais importantes pilares para manter uma família. Não concebe uma estrutura familiar sem as condições necessárias para mantê-la com direito à vida e vida com dignidade.

A violência perpetrada contra a família compromete sua unidade e seu futuro, pois a mesma é

[...] uma instituição responsável pelo processo de socialização de seus membros, pela educação e pelo estabelecimento de condutas adequadas a seus integrantes, principalmente crianças e adolescentes. De fato, a família é a primeira instituição com a qual a maioria dos indivíduos mantém contato e pala qual são aprendidas as primeiras convenções sociais e desenvolvidos os principais padrões de comportamento [...] (BAPTISTA, CARDOSO, GOMES, 2012, p.16).

Na contemporaneidade a família vem sofrendo influência em sua forma de se organizar. Pai, mãe e filhos são papéis fluidos dentro dessa instituição secular. Novas configurações vêm surgindo ao longo do tempo, destarte essas mudanças interferem na própria concepção de família.

A família é um sistema complexo inserido dentro de um contexto social e histórico, suas estruturas sofrem influências em relação à: globalização, economia, mulher no mercado de trabalho, pai assumindo afazeres domésticos, divórcio, novos casamentos, pais solteiros, famílias homossexuais, a mídia entre outros. Estes fatores mudaram drasticamente o modo de educar e cuidar dos filhos, tornando-se um desafio para os pais. O modo tradicional de educar os filhos, pelo menos aparentemente, parecia ser menos complexo, pois cada membro da família (pai, mãe e filhos) tinha seus papéis definidos e inquestionáveis (MEIRA, 2008, p. 2).

A sociedade chega ao século XXI com uma nova modulação de família, no entanto é certo que tanto os filhos quanto os pais almejam vínculos fortalecidos e que esses novos padrões nos quais a família vem se configurando, não sejam elementos que venham enfraquecer os vínculos familiares.

Em nossa sociedade, a decisão da vida acadêmica é atravessada também pelos interesses e anseios da família. É nela e - em muitos casos - por meio dela, que o sonho da graduação se concretiza. Contudo a juventude e o desenvolvimento psicossocial pode afetar a relação familiar e também sobre de quem é a palavra final na hora da escolha do curso de graduação, bem como da evasão ou não desse curso.

2.2.3 O jovem adulto na contemporaneidade

Ao longo da história, a juventude vem desenhando seu papel na construção da sociedade. Na contemporaneidade esse aspecto é mais evidente, tendo em conta, que uma civilização se constrói com sujeitos providos de audácia para desempenhar o seu papel de construtor de novos paradigmas.

Não há como negar que o jovem adquiriu lugar novo e de destaque na estrutura social. [...] desenvolve capacidades de análise do mundo, de maneira mais totalizadora e de comunicar esta análise aos seus pares e aos demais membros da sociedade (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2007, p. 9).

A participação do jovem na construção social se faz presente em todas as camadas da sociedade as quais ele se encontra inserido. O Ministério da Educação e Cultura (2007) aponta que “no momento atual, persiste e se agudiza a necessidade de compreender como os jovens são afetados pelas transformações sociais em curso” (p. 9). Essas modificações se devem ao avanço da sociedade era líquida que marca o século XXI.

A socialização e socialidade são formas de “estar-junto” na sociedade, geram comunhão entre indivíduos e formação de grupos. A primeira é característica importante do período da modernidade sólida e é por meio dela que se construía e se determinava a ordem nesse período, visando sempre ao tempo futuro. A socialidade, por sua vez, é pautada pelo presente e se adapta melhor à modernidade líquida [...]. A socialidade é um processo que acaba antes mesmo dos seus integrantes possuírem alguma relação fixa e duradoura” (BUNGENSTAB, 2014, p. 6).

É necessário olhar a juventude como uma parcela da sociedade que merece cuidado no sentido de ajudá-la a nortear a sua própria história, uma vez que

circulam ideias no cotidiano que associam a juventude à noção de crise, irresponsabilidade e problema social e que carecem de políticas públicas. No entanto, abordar a juventude, na normalidade do seu cotidiano é tarefa importante, caso se queira empreender uma reflexão sobre a sociedade atual (SOUZA, 2004, p. 2).

Bungenstab (2014) teoriza que precisamos repensar os cotidianos que atravessa a juventude contemporânea como maneira de “compreender a sociedade atual e refletir sobre ela [...]. O tempo moderno promulgou e iniciou uma série de classificações e tentativas de conceituar a juventude (e o jovem) (p. 11)”. Nessa nova configuração social, de inúmeros meios de comunicação, o jovem pode ser desejanste.

É preciso, não obstante, reconhecer que os fundamentos da sociologia da juventude estão originalmente ligados a uma representação da ordem social, e do lugar dos grupos etários e de suas responsabilidades respectivas na preservação dessa ordem, na sua observância, na ruptura com relação a ela, ou na sua transformação. Quer o passado imprima ao futuro o seu significado, quer o futuro se imponha ao passado como perspectiva de renovação (FÁVERO *et al.*, 2007 p. 22).

É de suma importância considerar o perfil do jovem estudado nesse projeto, atentar para seu histórico, pois no ambiente acadêmico ele necessita de espaço para abrir diálogos que considere e discuta suas demandas.

Olhar para a realidade da juventude numa perspectiva endógena revela práticas e expressões do desenvolvimento humano, possibilitando, num futuro, o reconhecimento das potencialidades no território frente às experiências do cotidiano comunitário e respectivas intervenções pelos jovens que perfilham as peculiaridades e sentimento de pertencimento ao seu lugar, conjetura as reflexões para um acionar, a saber, desta relação com sua própria identificação (LÔBO *et al.*, 2012, p. 2).

A expressão do jovem acadêmico demonstra as suas potencialidades e a sua própria característica, evidenciando também suas fragilidades.

É preciso ter claro que a juventude não se configura de modo uniforme e generalista, do contrário, ela é uma experiência subjetiva que não obedece uma faixa etária específica.

Trata-se da resultante de uma série de fatores biopsicossociais e ambientais que influenciam o modo de ser e estar das pessoas no seu tempo. Seguindo o entendimento de algumas correntes teóricas é possível afirmar que não exista um modo singular de ser jovem. Segundo Teixeira (2014), evidenciamos na contemporaneidade uma gama de juventudes interconectadas sendo experimentadas e expressadas no online e no off-line.

Cada uma dessas formas de juventude observadas em nosso tempo carrega consigo anseios e projetos de vida próprios que colidem uns nos outros em instâncias subjetivas e coletivas.

2.3 VULNERABILIDADES

2.3.1 Econômica

Muitas pessoas que se aventuram pelo fenômeno migratório pode se inscrever na vulnerabilidade econômica. A Vulnerabilidade econômica diz respeito à situação precária vivenciada por grupos ou indivíduos. O desempenho acadêmico também é influenciado pelas seguranças econômicas com as quais o estudante universitário dispõe, pois tais fatores podem ser determinantes no desempenho satisfatório ou não dos seus estudos.

[...] o fato de ter de pagar por seus estudos pode constituir-se em um fator que defina seu comprometimento para com a formação acadêmica. A necessidade de conciliar uma carga de trabalho extensa com as exigências do ensino superior torna os desafios acadêmicos complexos, tendo em vista que o tempo destinado à realização de atividades, estudos e preparação para as provas é reduzido, exigindo planejamento e organização (ZLUHAN, RAITZ, 2014, p. 19).

Tem-se que a graduação demanda gastos, administrar e compreender os ônus que estão implicados em cursar uma faculdade, seja ela pública ou particular requer saber gerir as suas próprias economias. Quando se trata de estudar em uma universidade pública, os gastos são menores, ao contrario de quem ingressa em universidade particular as despesas se tornam multiplicadas.

A entrada do indivíduo na universidade é permeada de variáveis que envolvem sua vida como um todo. E conseguir entrar e permanecer até a conclusão do curso desejado representa um grande desafio para o jovem do século XXI. É importante salientar que os alunos advindos das escolas públicas, bem como os de baixa renda, enfrentam maiores dificuldades, no que tange à sua permanência na graduação (ALVARENGA *et al.*, 2012).

O acadêmico de um contexto economicamente desfavorecido pode encontrar maiores desafios para permanecer na universidade, visto que terá que gerenciar estudo, trabalho, cuidados pessoais, gastos com aluguel, transporte e alimentação, entre outros com sua a geração de renda e nem sempre ele dispõe de economias para isso (ANDRADE *et al.*, 2016).

Pleitear bolsas de estudo ou programas do governo como o Programa de Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) para respaldá-lo, faz parte do cotidiano de grande parte dos estudantes brasileiros.

Há duas intersecções entre o ProUni e o Financiamento Estudantil (Fies). A primeira diz respeito à prioridade na distribuição dos recursos do Fies às instituições participantes do programa, conforme estabelece o art. 14 da Lei 11.096/05, que instituiu o ProUni. A segunda é a possibilidade de todos os bolsistas parciais de 50% contratarem junto ao Fies o financiamento de metade da parcela da mensalidade que não é coberta pela bolsa. As regras do Fies são as mesmas para todos os estudantes, bolsistas do ProUni ou não. Para que o bolsista do ProUni possa contratar financiamento, a instituição de ensino deve aderir a processo específico do Fie (MEC, 2018).

Sem essas duas iniciativas do governo federal, inúmeros acadêmicos poderiam apresentar dificuldade para concluir a sua graduação. Dessa forma os fatores que vulnerabilizam o estudante universitário e que podem comprometer sua permanência na graduação estão alinhados com sua condição financeira.

2.3.2 Social

O pretense candidato ao ensino superior chega ao campus universitário movido pelo desejo de estudar e se graduar, tendo em vista sua realização pessoal e profissional, mas pode se deparar com dificuldades que afetam sua caminhada.

Fatores que indicam vulnerabilidade social de alguns acadêmicos, podem estar ligados à sua condição financeira, à moradia, à distância do campus, enfim à sua condição social (ANDRADE *et al.*, 2016).

Para o acadêmico que muda de cidade em virtude dos seus estudos, ele pode ser impactado pelo novo contexto social, pois terá que aderir às novas convivências, novos grupos etc. Essa mudança pode ser geradora de sofrimento para alguns, uma vez que suas referências terminam sendo comprometidas (SANTOS; SILVA, 2011).

Faz-se necessário chamar atenção do acadêmico para que ele organize sua rotina, faça um plano de estudo, entre outros, isso pode indicar seu sucesso nos estudos.

2.3.3 Emocional

A trajetória do aluno de ensino médio ao campus universitário é permeada de intercorrências e o ambiente acadêmico se apresenta como uma novidade, desde os professores, como os colegas e as disciplinas.

É a partir deste contexto que surgem as necessidades de que o acadêmico adote novas formas de gerenciar sua vida, como mudança de rotina, horários para dedicar-se aos estudos, ao lazer, à leitura, porque um novo modo de vida se configura. Isso aponta que o emocional do universitário tende ser afetado de alguma forma (SANTOS; SILVA, 2011).

Torna-se necessário atribuir sentido a esse novo modo de vida, para não cair na superficialidade e nem relativizar a maneira como se dão as alterações comportamentais (FERNANDES *et al.*, 2005).

Para o autor evidencia que, diante de tais apelos, faz-se necessário entender que o contexto acadêmico apenas mudou de nível, visto que os estudos continuam embora as exigências sejam outras e igualmente desafiadoras, requerendo mais maturidade da parte do estudante, para que ele possa manejar novas formas de aprendizado e de relacionar-se.

O universitário em estado de vulnerabilidade emocional tem seu rendimento acadêmico comprometido. Figueiró *et al.*, (2010) lembram que “a vivência acadêmica e a convivência com professores-supervisores revelam que problemas emocionais são frequentes, além de outros problemas ansiedade, somatizações [...]” (p. 2). Tais adversidades são geradoras também de estresse emocional.

É notório que os ajustamentos emocional e social se articulam, pois o meio em que o indivíduo se encontra inserido exerce influência em sua forma de viver e pode gerar fontes de tensões. Nessa conformidade, os conflitos podem encontrar-se entre o desejo de alcançar seus objetivos e a modulação como os seus projetos pessoais vão se desenhando (FERNANDES *et al.*, 2005).

Os acadêmicos, de modo geral, lidam diretamente com seus próprios sofrimentos e com as angústias daqueles que os rodeiam, visto que na construção de sua caminhada universitária suas experiências se identificam levando-os a uma maior aproximação (ANDRADE *et al.*, 2016). Ao estabelecer vínculos de confiança, compartilham suas conquistas e dificuldades, ao longo das suas trajetórias.

Considera-se importante que se dê apoio a esses acadêmicos, visto que os mesmos necessitam de ajuda para superação desses bloqueios que afetam seu estado emocional e podem comprometer seu rendimento e aprendizado na universidade.

3 METODOLOGIA

3.1 DESENHO DO ESTUDO

O estudo quanto à finalidade metodológica, uma pesquisa básica, de abordagem quantitativa. Quanto aos objetivos metodológicos, foi uma pesquisa exploratória de procedimentos metodológicos documental, com consulta a dados presentes em relatórios disponibilizados pela Coordenação do curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra, tendo como parâmetro os dados gerados entre os anos 2005 e 2018.

Considerando a complexidade do fenômeno investigado, optou-se pela abordagem metodológica e epistemológica da pesquisa quantitativa (MARCONI; LAKATOS, 1996; GIL, 1999), como modo para se conhecer o processo de evasão universitária no curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra.

3.2 LOCAL E PERÍODO DO ESTUDO

O critério de seleção do Centro Universitário Luterano de Palmas como fonte do estudo foi por sua história de 26 anos no estado do Tocantins.

A referida IES abriga o primeiro curso de Psicologia do Estado. Fundado no ano 2000, o curso conta com 18 anos de história, tendo formado 28 turmas⁵. É também o único curso de Psicologia situado na capital do Estado do Tocantins/TO, sendo referência na região central tocantinense para o tema da Formação em Psicologia.

Considerou-se que a trajetória da instituição, ao fornecer dados de 18 anos da história do curso, permitiria um alcance longitudinal do perfil da evasão universitária nesta IES. Para Castro (2014), ao se considerar o alcance longitudinal dos dados da amostra, podemos ter uma compreensão das variações predominantes nas características amostrais estudadas ao longo dos anos.

3.3 PROCEDIMENTO E UNIVERSO DA AMOSTRA

Em posse dos relatórios cedidos pela IES, os dados foram agrupados em tabelas considerando: semestre letivo, gênero, faixa etária, semestre de ingresso no curso e data de evasão.

Visando o recorte longitudinal, o estudo pautou-se em 100% da amostra presente em relatórios de evasão universitária cedidos pela IES. Os dados

⁵ Informações contempladas no Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia, ano 2017. Consulta junto à coordenação do curso.

compreendem um período de 28 semestres letivos, considerando desde o semestre de graduação (2005/1), até o semestre letivo (2018/2).

As informações sigilosas constantes nos relatórios aos quais as pesquisadoras tiveram acesso foram mantidas em sigilo, tal como preconiza a Resolução 466/12 (BRASIL, 2012).

Mota (2010) compreende que a volatilidade do fenômeno humano carrega em si características tão únicas que nem mesmo seu estudo em grupo pode necessariamente ser conclusivo.

Diante do vasto universo apresentado na amostra, considerou-se imprescindível para o estudo trabalharmos com 100% da amostra obtida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os relatórios disponibilizados pela IES pesquisada foram agrupados em sequencia anual. Em seguida, as informações fornecidas foram catalogadas considerando os anos de 2005 a 2018.

Para integralização dos dados foram considerados três intervalos de tempo: entre os anos 2005-2008; entre os anos 2009-2014; e entre os anos 2015-2018. Esse intervalo de tempo foi estipulado seguindo critérios de compreensão próprios da coordenação do curso.

No total foram 28 semestres letivos estudados. Por mais que o curso de Psicologia na IES pesquisada teve início no semestre letivo 2000/1, a leitura dos dados começou com o semestre letivo 2005/1, no qual houve a primeira turma graduada.

Durante o agrupamento dos dados percebeu-se que a evasão no curso de Psicologia na IES pesquisada não seguiu um padrão linear, o acadêmico evadido naquele semestre retornava em um posterior, em outros momentos o acadêmico evadido permanecia evadido por três semestres e retornava num quarto, e após reingresso tornava a evadir. Houve casos também em que o mesmo acadêmico adotou um padrão de evasão e regresso à graduação em semestres intercalados.

Diante dessas particularidades, já esperada em análise de dados que correspondem ao fenômeno humano, optou-se por uma compreensão da evasão ocorrida no semestre de ingresso do acadêmico no curso.

Neste estudo, consideramos como evadidos os acadêmicos que abandonaram o curso no semestre que ele ingressou na IES e no curso de Psicologia.

4.1 PERFIL DOS CALOUROS EVADIDOS NO CURSO DE PSICOLOGIA DO CEULP/ULBRA

No total, ao longo dos 28 semestres pesquisados, foram registradas 217 evasões no curso de Psicologia. Os semestres no quais mais houve evasões foram 2013/1, 2013/2, 2014/1, 2014/2, totalizando 48 evasões de calouros. Já os semestres com menor número de acadêmicos evadidos foram os semestres 2017/1, 2017/2, 2018/1 e 2018/2, totalizando 14 evasões. Em entrevista com a Coordenação do curso não foi possível identificar a ocorrência de um evento institucional específico que fomente tais resultados.

É sabido que, a nível socioeconômico, o país atravessa uma crise financeira que afeta a população desde o ano 2010, mas que atingiu proporções preocupantes a partir do ano 2014 (PIRES, 2016b). A crise traz, entre outras consequências, o aumento das taxas de desemprego e crescimento das taxas de juros e da inflação, o que limita o poder aquisitivo em todas as classes sociais.

Conforme salienta Zluhan e Raitz (2014), tanto a vulnerabilidade social quanto a econômica são fatores relevante para compreensão do processo de evasão universitária, sendo mais expressivas nos semestres iniciais dos acadêmicos em seu respectivo curso.

A instituição lócus da pesquisa é subsidiada por recursos da administração privada, o que restringe o acesso ao curso de Psicologia a classes sociais com poder aquisitivo para subsidiar o ingresso e permanência dos acadêmicos no curso. Uma crise financeira pode resultar, entre outras consequências, na perda da fonte de recursos que garante a permanência de alguns acadêmicos na graduação.

É necessária também uma reflexão sobre o papel da instituição frente ao fenômeno da evasão, e se esta encontra mecanismos internos e externos para enfrentamento do problema.

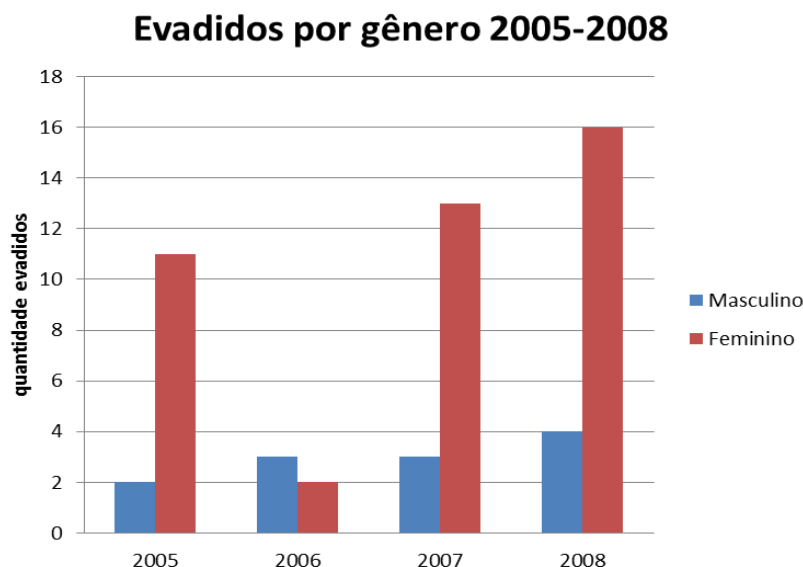
Na instituição lócus da pesquisa, uma das medidas identificadas foi a existência do Núcleo Alteridade, um espaço onde os acadêmicos contam com assistência para inclusão e suporte nas questões pedagógicas, além de suporte psicológico. Não coube no escopo desta pesquisa identificar a eficácia de tais mecanismos, o que poderia ser feito em um estudo com este foco.

4.1.1 Evasão universitária de calouros no curso de Psicologia do Ceulp/UiBra por gênero.

O índice de calouros evadidos no curso de Psicologia do Ceulp/UiBra considerando gênero⁶ é liderado pelo público feminino. Contudo, o curso tem uma população expressiva que se identifica como gênero feminino, o que corrobora para este dado (Gráficos 4).

⁶ Cabe frisar que nos relatórios cedidos pela IES sobre acadêmicos evadidos não havia nenhuma menção ou nomenclatura de gênero que fugisse do padrão binário masculino e feminino, logo não há como afirmar se houve, dentro do recorte temporal analisado, evadidos que se descreviam como gêneros que não se reconhecem nas polaridades masculino/feminino, tais como: agênero, cisgênero, transgênero, gênero fluido, dentre outros.

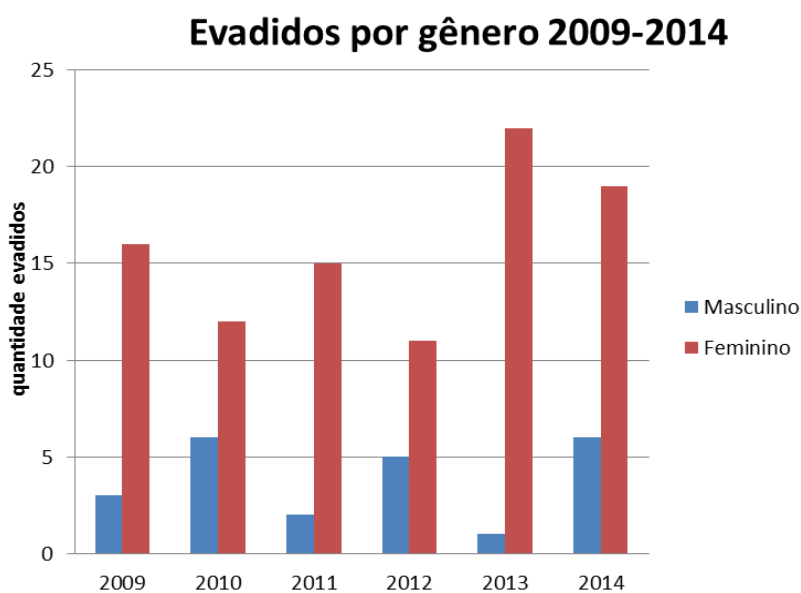
Gráfico 4 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada por gênero na Gestão 2005 a 2008.



Fonte: Coordenação de Psicologia do Ceulp/Ulbra, adaptado pelas autoras.

Seguindo o padrão apresentado pelo Gráfico 4, no Gráfico 5 também é possível observar o crescimento gradual de evadidos no curso de Psicologia entre os semestres 2009 e 2014, nos semestres subsequentes a estes esse crescimento passa a ser inconstante.

Gráfico 5 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada por gênero na Gestão 2009 a 2014.

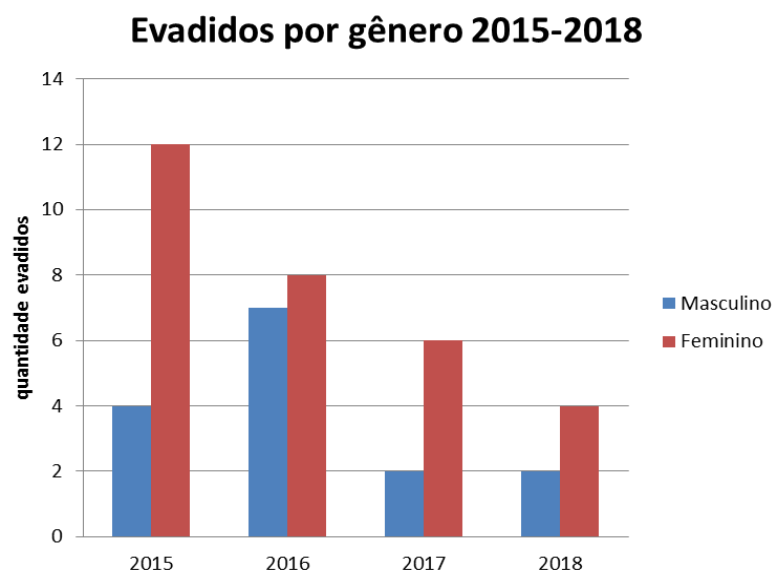


Fonte: Coordenação de Psicologia do Ceulp/Ulbra, adaptado pelas autoras.

Já entre os anos 2015 e 2018 percebeu-se uma equiparação entre o percentual de evadidos de ambos os gêneros. A mudança no quadro ocorre devido

a uma queda no percentual de evasão quando comparado aos anos anteriores (Ver Gráfico 6).

Gráfico 6 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada por gênero na Gestão 2015 a 2018.



Fonte: Coordenação de Psicologia do Ceulp/Ulbra, adaptado pelas autoras.

Sabendo que há mais acadêmicas do gênero feminino ingressando a cada semestre na instituição, isso numa proporção que matematicamente supera o público masculino, o percentual de evasão predominante feminino não é indicador de nenhum dado além deste. Contudo, para uma compreensão aprofundada desse dado seria necessário um estudo que postulasse uma entrevista com os acadêmicos evadidos objetivando identificar as causas por traz da evasão universitária em cursos de Psicologia.

4.1.2 Evasão universitária de calouros no curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra por faixa-etária.

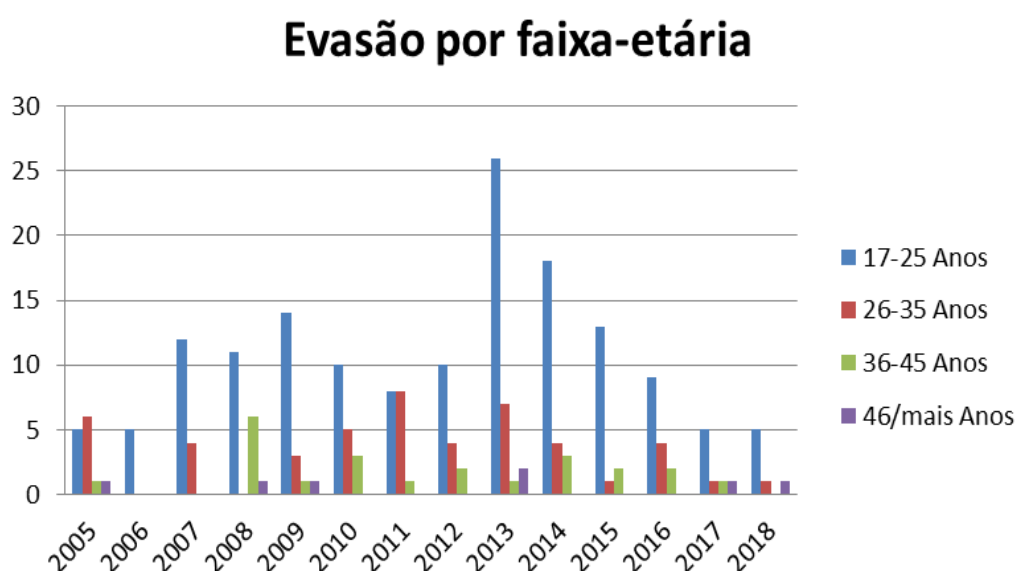
Com base nos relatórios cedidos pela IES pesquisada, classificamos os acadêmicos evadidos do curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra em quatro grupos distintos, considerando a faixa etária que estes apresentavam no semestre de evasão.

O primeiro grupo compreende acadêmicos com idade entre 17 e 25 anos, o segundo grupo abrange acadêmico com idade entre 26 e 35 anos, o terceiro grupo compreende acadêmicos com idade entre 36 e 45 anos, e o quarto grupo abrange

acadêmico com idade igual ou superior a 46 anos. O critério para definir os grupos de faixa etária foi adotar os mesmos estipulados pela coordenação do curso.

Observando o perfil dos acadêmicos evadidos considerando a faixa etária, é possível conceber uma disparidade entre os grupos etários, com predomínio da evasão por acadêmicos com faixa etária entre 17 e 25 anos de idade, seguido do grupo com faixa etária de 26 a 35 anos de idade. Há uma minoria de estudantes com idade superior a 46 anos que ingressa no curso de Psicologia na IES pesquisada e que, conseqüentemente, evade no semestre de ingresso (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada – por faixa etária.



Fonte: Coordenação de Psicologia do Ceulp/Ulbra, adaptado pelas autoras.

Ainda conforme observado no Gráfico 8, somente no ano 2008 houve um a predominância de grupo etário que evadiu (36 a 45 anos de idade) e que tinha faixa etária diferente daquela observada no grupo que mais evadiu ao longo da história do curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra (17 a 25 anos de Idade).

Considerando que o grupo etário que mais evadiu ao longo da história do curso é caracterizado principalmente por jovens e adolescentes (com faixa etária entre 17 e 25 anos), podemos inferir que além dos fatores associados à vulnerabilidade social e classe econômica, aspectos biopsicossociais e adaptativos possam estar influenciando a evasão de calouros na IES pesquisada.

Fatores como a migração do lar, o ingresso no ensino superior, à busca por uma identidade, a liquidez das relações e nos relacionamentos pós-modernos etc.,

são atravessadores do processo de ingresso no curso superior e podem ser apontados como causas - primárias e/ou secundárias - da evasão universitária.

O grupo com idade igual ou superior a 46 anos de idade é o que menos evadiu ao longo da história do curso. Contudo, assim como no caso anterior, os fatores biopsicossociais e adaptativos próprios da idade adulta também podem ser atravessadores do dado. Supõe-se que neste grupo (46 anos ou mais) estejam àqueles acadêmicos que optaram pelo curso como segunda formação e/ou consolidação de um projeto de vida idealizado em uma etapa anterior do desenvolvimento.

É também observado que a formação subjetiva desse grupo etário se deu no período moderno, onde a liquidez dos processos não predominava. Doutro modo é possível afirmar que o grupo de acadêmicos com idade igual ou superior a 46 anos, ao optar pelo (re)ingresso na graduação, tem consciência de suas motivações e pode estar melhor preparados emocionalmente para este feito.

Barbosa (2013) e Oliveira (2007), ao analisarem o processo de evasão universitária, descrevem que o planejamento pessoal para o ingresso no curso superior seja um elemento que diminua as chances da evasão universitária.

Ao planejar o ingresso no ensino superior, é possível vislumbrar situações que poderiam se interpor entre a decisão e a permanência do acadêmico no curso e assim, criar estratégias de enfrentamento destes fatores de risco da evasão universitária, tais como: como vulnerabilidade familiar, social, econômica, política, emocional, entre outras.

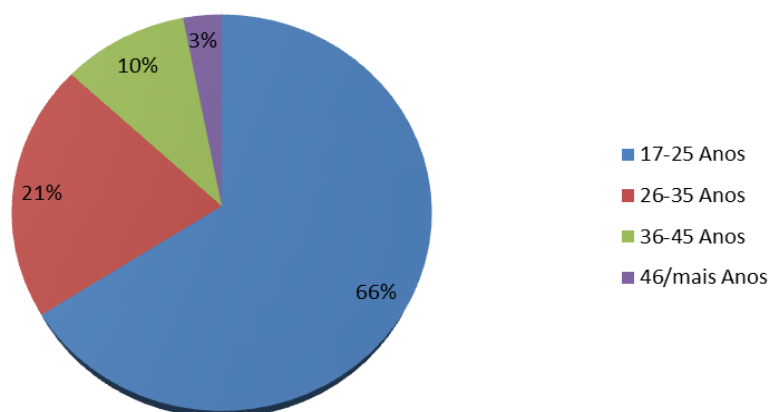
Não foi possível comparar se há uma discrepância significativa entre o número de calouros evadidos por faixa etária e o número de ingressantes a cada semestre no curso. A Instituição pesquisada não conta com esses dados disponíveis ou com sistema de integrar eles de modo que possam ser compilados.

Com estes dados seria possível estabelecer se o grupo etário que mais evade é o mesmo que mais ingressa a cada semestre, e com este perfil traçar estratégias institucionais para enfrentamento do problema.

Todavia, essa questão pode ser respondida a partir de novos estudos e formas de compreensão do fenômeno, que não precisam ser exclusivas dos trabalhos de conclusão de curso. Novas formas de compreensões do fenômeno podem nascer de práticas que incorporam a problemática ao dia-a-dia dos discentes ao longo da graduação, seja no ensino, na pesquisa ou na extensão.

Gráfico 8 – Evasão de acadêmicos de Psicologia na IES pesquisada – percentual por faixa etária.

Evasão por faixa-etária



Fonte: Coordenação de Psicologia do Ceulp/Ulbra, adaptado pelas autoras.

O Gráfico 8 ilustra o percentual de evadidos por grupo etário. De acordo com a faixa etária, é possível observar que dentre os calouros que evadiram ao longo dos 18 anos de história do curso, 66% apresentavam idade entre 17 e 25 anos.

O segundo grupo etário que mais evadiu ao longo da história do curso (21% do total) tem entre 26 e 35 anos de idade. Seguido respectivamente dos grupos etários com faixa etária entre 36 e 45 anos (10% do total) e 46 anos ou mais (3% do total).

Com base no dado podemos inferir que para acadêmicos que evadem no curso de Psicologia no Ceulp/Ulbra, a etapa do desenvolvimento parece estar associada ao processo de tomada de decisão, uma vez que jovens tendem a evadir mais que os adultos e idosos. Todavia recomenda-se a aplicação de uma pesquisa de campo que entreviste acadêmicos evadidos com objetivo que melhor compreender a particularidade deste dado.

4.1.3 Evasão universitária X Ingresso de Acadêmicos no curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra.

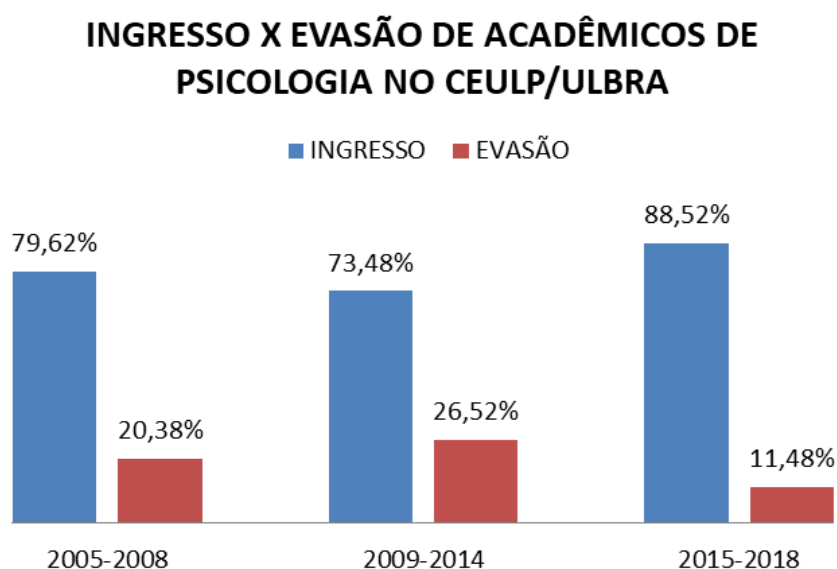
O número de evasão de calouros no curso de Psicologia pesquisado, comparado ao número de acadêmicos que ingressam a cada ano indica que ao longo da história do curso, o percentual de evadidos vem diminuindo. Esse dado demonstra que na atualidade, os acadêmicos que ingressam no curso têm aderido ao curso.

Para melhor compreensão desse dado, as informações foram classificadas em três intervalos de tempo: entre os anos 2005-2008; entre os anos 2009-2014; e entre os anos 2015-2018. Esse intervalo de tempo foi estipulado seguindo critérios de compreensão próprios da coordenação do curso.

O Gráfico 10 apresenta que entre os anos 2005 e 2008 houve uma taxa de evasão de 20,38% dos acadêmicos, o que representa 1/5 dos acadêmicos que ingressaram no curso entre os anos 2005 e 2008, uma taxa significativa, pois demonstra que a cada 5 acadêmicos que ingressaram no curso naquele período 1 evadia.

Entre os anos 2009 e 2014 a taxa de evasão cresceu (26,52%) numa proporção menor daquela que foi evidenciado no estudo entre 2005 e 2008.

Gráfico 9 – Ingresso X Evasão de acadêmicos de Psicologia de 2005 a 2018.



Fonte: Coordenação de Psicologia do Ceulp/Ulbra, adaptado pelas autoras.

O estudo indica que houve uma queda significativa na taxa de evasão nos anos seguintes, entre 2015 e 2018, uma queda de 4,04% no percentual de evasão indica que nos últimos anos a taxa de evasão tem se mantido em 11,48%.

A queda no percentual de evasão demonstra que no atual cenário do curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra há mais acadêmicos ingressando do que evadindo. Esse dado pode ser indicativo de que há estratégias institucionais sendo empregadas visando fidelizar os acadêmicos. Contudo, essa é uma questão que poderia ser mais

bem esclarecida em pesquisas futuras, que busquem identificar estratégias aplicadas pelas gestão/instituição com objetivo de solucionar a problemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário sociopolítico brasileiro a evasão universitária é um problema que pode resultar na falta de profissionais tecnicamente capacitados para lidar com as demandas populacionais. Num cenário de epidemia global dos transtornos mentais, compreender a evasão universitária na formação em Psicologia se torna relevante, uma vez que é função deste profissional o manejo de demandas em saúde mental.

O processo de evasão universitária é um processo complexo atravessado por fatores de risco de ordem econômica, social, cultural e emocionais. Pode ocorrer em todas as classes sociais, sem gênero e/ou faixa etária específica.

A integração dos dados fornecidos pela coordenação do curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra permitiu traçar um perfil dos acadêmicos que evadiram ao longo da trajetória do curso. Todavia, por se tratar de um estudo documental, não foi possível uma interação com acadêmicos evadidos para verificar possíveis motivos que justificassem a evasão. Também, nos relatórios de evasão disponibilizados pela instituição, não havia descrição de motivos relatados como justificativa para as evasões.

Foi identificado que a evasão ocorre em vários momentos dentro do curso, ou seja, tanto com acadêmicos calouros quanto com veteranos. Há também casos em que o egresso retorna ao curso após a evasão, em outros não. Houve também situações em que os acadêmicos evadem, retornam e evadem novamente. Evidenciando que ao evadir, o acadêmico não tem uma preocupação em formalizar junto à instituição seu desejo de reingresso.

Olhando para o gênero e faixa etária, foi possível identificar que o fato de no curso haver uma predominância do percentual de acadêmicas do sexo feminino sobre número de acadêmicos do gênero masculino, o total de evasão representado pelo gênero feminino sempre vai superar o grupo masculino, tornando o dado irrelevante para o estudo.

Quanto à faixa etária, o grupo com idade entre 17 e 25 anos de idade é o que mais evadiu, seguido pelo grupo com idade entre 26 e 35 anos. Já o grupo etário que menos evadiu é representado por pessoas com faixa etária igual ou superior a 46 anos é o que menos evade. Podemos pressupor que a etapa do desenvolvimento

parece estar associada à tomada de decisão dos acadêmicos que evadem o curso de Psicologia no Ceulp/Ulbra

Considerando a história do curso e o recorte temporal da pesquisa, de 2005 a 2018, foi verificado que a taxa de evasão cresceu até 2014, entre 2015 e 2018 a taxa de evasão entre calouros diminuiu de 26,52% para 11,48%, indicando que atualmente há mais ingresso que evasão no curso.

Fica evidente que compreender o fenômeno da evasão universitária de calouros em acadêmicos de Psicologia no Ceulp/Ulbra deve ser uma das prioridades da gestão do curso. Identificar as motivações por trás da evasão universitária permite que a instituição estabeleça estratégias para prevenir e reduzir o percentual de evasão no curso e na instituição.

Do ponto de vista da pesquisadora - que também é parte do objeto de estudo - foi possível observar, na atual gestão, uma preocupação em compreender como o fenômeno da evasão ocorre dentro do curso de Psicologia. A abertura para que trabalhos acadêmicos de graduação no curso tenham esse enfoque é um dos principais indicativos desse dado. Contudo, é preciso clareza de que o assunto não pode ser tratado apenas no campo teórico. É também necessária a aplicação de práticas que visem à dissolução da problemática. Como sugestões, indica-se a criação de linhas de pesquisa e projetos de extensão dentro do curso com foco na redução dos índices de evasão universitária, bem como o apoio institucional para a criação de um núcleo (ou subnúcleo) de suporte ao acadêmico evadido.

Como não há um arquivo que registre as motivações por trás da evasão universitária destes acadêmicos, não é possível elencar os principais fatores de risco da evasão universitária em calouros no curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra. Contudo, recorreremos à bibliográfica para sugerir que questões afetivas, sociais, econômicas e migratórias podem estar por trás dos índices de evasão encontrados no estudo.

Todavia, um estudo de campo aplicado com acadêmicos egressos poderia responder as hipóteses aqui elencadas. Considerando a carência de estudos sobre o tema, sugere-se a realização de trabalhos acadêmicos que investiguem as motivações por trás da evasão universitária no curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra, considerando entre outros fatores a migração do lar, faixa etária e classe social.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, C. F.; SALES, A. P.; COSTA A. D. da; COSTA M. D. da; VERONEZE, R. B.; SANTOS, T. L. B. **Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA**. Rio de Janeiro, 2012.

Disponível < <http://www.uff.br/pae/pca/article/viewFile/110/92>>. Acesso em 21 de julho 2018.

ALVIM Ana Márcia Moreira, AMARAL João Benvindo, FERREIRA, Guilherme Luiz Lopes. Movimentos migratórios intermunicipais no estado do Tocantins (Brasil) entre 1991 e 2010. Salvador, BA. UFBA: **GeoTextos**. Vol. 13, N. 1, julho de 2017.

ANDRADE, A. S.; TIRABOSCHI, G. A.; ANTUNES, N. A.; VIANA, P. V. B. A.; ZANOTO, P. A.; CURILLA, R. T. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Out/Dez. 2016 v. 36 n°4, 831-846. Disponível< <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n4/1982-3703-pcp-36-4-0831.pdf>. Acesso em 19 de julho de 2018

ASSIS, M. D.; FRANKEN, I.; MENESES, A. C. B. S.; OLIVEIRA, T. M. **Adaptação à universidade no processo de migração e sofrimentos psíquicos**. UFPB, 2013.

Disponível

em:<<http://www.prac.ufpb.br/nex/trabalhos/6CCHLADPPROBEX2013110.pdf>>.

Acesso em 06 fev. 2018.

BAPTISTA, M. N.; CARDOSO, H. F.; GOMES, J. O. Intergeracionalidade familiar. In: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L.M. (orgs). **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BAPTISTA, M. N.; CARDOSO, H. F.; GOMES, J. O. O contexto familiar e o desenvolvimento Vocacional. In: BARDAGI, M.P.; LASSANCE, M.C. P.; TEIXEIRA, M. A. P. (orgs). **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BARBOSA, C. L. D. **Preditores de Evasão em Diferentes Ambientes**

Acadêmicos. Salvador - BA, 2013. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14515/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20CARMEM%20L%C3%9ACIA%20DANTAS%20BARBOSA.pdf>>Acesso abril 2018>. Acesso 22 abril 2018.

BARDAGI, M; HUTZ, C. S. **Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão da literatura brasileira**. Psicologia Revista. São Paulo, 2005 [S.l.], v. 14, n. 2, p. 279-301, fev. 2014. ISSN 2594-3871. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18107>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt; GOMIDE, Paula Inez Cunha. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 1989, vol.9, n.1, pp.6-15. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931989000100003>.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução: MEDEIROS, C. A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BECKER A. P. S.; BORGES, L. M. **Famílias sem fronteiras: dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar**. Florianópolis, 2014.

Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/132465/333085.pdf?sequencia=1>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

BIAGIONI, D. **Mobilidade social e migração interna no Brasil**. Rio de Janeiro. 2010. Disponível

em: <http://web.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/static/uploads/daniel_biagoni.pdf>. Acesso 06 abril 2018.

BIRMAN, J. Tatuando o desamparo. In: **M. R. Cardoso (Org.), Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Resolução Nº 466**, de dezembro de 2012. Comissão Nacional de Saúde – CNS. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

BUNGENSTAB, G.C. **Da juventude sólida para a juventude líquida**. Em Cadernos Zigmund Bauman ISSN 2236-4099. vol. 4 no. 8, 2014. Disponível em:

<<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/2758>>. Acesso em: 18 abril 2018

CALADO, S. dos S.; FERREIRA, S. C. dos R. **Análise de documentos**: método de recolha e análise de dados. 2004. Disponível em:

<<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>> Acesso em 30/08/2018.

CARVALHO, A. C. C. **Migrantes em Brasília: os motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica**. DF, 2008.

Disponível

em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/2036/1/2008_AlbertoRodriguesCamaradeCarvalho.pdf>. Acesso: 20 fe.2018

CASTRO, Monica Rabello de. Metodologia para elaboração de trabalho científico. In: VENTURA, Magda Maria [org.]. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2014.

CFP, Conselho Federal de Psicologia, 2018 (site). A psicologia brasileira apresentada em números. Brasília - DF: **CFP**, 2018. Disponível em:

<<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>> Acesso em 11 de Set. de 2018.

COGO, D. **Migrações contemporâneas como movimentos sociais: uma análise desde as mídias como instâncias de emergência da cidadania dos migrantes**, 2007.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para análise. São Paulo. **Perspec.** [online]. 2005, vol.19, n.4, pp.3-20. ISSN 0102-8839.

DADALTO, M. C.; RODRIGUES, M. B. F. **Migração e Desenvolvimento: Segregação e violência criminalizada**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Maria_Dadalto/publication/283186646_Migracao_e_Developolvimento_Segregacao_e_violencia_criminalizada/links/57fbd6ac08aea0db5a3f5f89/Migracao-e-Desenvolvimento-Segregacao-e-violencia-criminalizada.pdf>. Acesso 15 de abril 2018.

FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. In: **Da cristalização histórica das idades da vida**. Edições MEC/UNESCO. Brasília, 2007.

FERIGATO, S. H.; CAMPOS, R. T. O.; BALLARIN, M. L. G. S. **O atendimento à crise em saúde mental: ampliando conceitos**. Campinas, 2007
Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/237416461_O_atendimento_a_crise_em_saude_mental_ampliando_conceitos1>. Acesso 18 mar. 2018.

FERNANDES, Eugénia; MAIA, Ângela; MEIRELES, Cláudia; RIOS, Sandra; SILVA, Daniela; FEIXAS, Guillem. **Dilemas implicativos e ajustamento psicológico: um estudo com alunos recém-chegados à Universidade do Minho**. Minho, PT, 2005.

FIGUEIRÓ, Mirna Torres; SOUZA José Carlos; MARTINS, Lucy Nunes Ratier ; LEITE, Lucas Rasi Cunha; ZILLOTTO, Juliana Martimbianco; BACHA, Mayara Mendes. **Traços da personalidade de um estudante de psicologia**. 2010
Disponível em< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100002
Acesso: 28 jun 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GASDA, E. E. SJ. **Globalização e migração: implicações ético-teológicas**. FAJE, 2009. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=globaliza%C3%A7%C3%A3o+e+migra%C3%A7%C3%A3o&rlz=1C1CHXU_pt-BRBR646BR646&oq=globaliza%C3%A7%C3%A3o+e+migra%C3%A7%C3%A3o&aqs=chrome..69i57j0l5.9182j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 04 abr. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, A. J. **Migrações internas: evoluções e desafios**, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a14.pdf>>. Acesso 15 de abril 2018.

HARTWIG, M. **Migração campo cidade: trajetórias de vida, trabalho e escolarização de jovens trabalhadores**. Santa Catarina, 2001.

Disponível

em: <<http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2001/Marisa%20Hartwig.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

HOMEM, M. L. **No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector**, 2011. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-17102011-104726/pt-br.php>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018 (site). Estimativa da População. Rio de Janeiro - RJ: **IBGE**, 2018. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>> Acesso em 11 de Set. de 2018.

LIMA, A. K. S. Migração e subjetividade: uma revisão de literatura sobre o processo migratório e suas implicações psicossociais. I Seminário Internacional Sociedade e Fronteiras. **Anais do Evento**: N°1/2012, UFRR, 2012.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Migração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

LÔBO, K. R. G.; SILVA, R. I. H.; GONÇALVES, J. dos S.; LIMA, A. K. P.; NASCIMENTO, V. S. do. **Juventudes: ser jovem na contemporaneidade e a perspectiva da sustentabilidade**. UFC, 2012

Disponível em:

<http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-94.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MARCONI, Marina de A; LAKATOS, E. M. **Técnica de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 3ªed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINE, G. **A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21**. São Paulo Perspec. [online]. 2005, vol.19, n.3, pp.3-22. ISSN 0102-8839.

MARTINS, A. G. **A noção de crise no campo da saúde mental: saberes e práticas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)**. Belo Horizonte, 2012.

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=MARTINS%2C+Aline+Gomes.+A+no%C3%A7%C3%A3o+de+crise+no+campo+da+sa%C3%BAde+mental%3A+saberes+e+pr%C3%A1ticas+em&rlz=1C1CHXU_pt-BRBR646BR646&oq=MARTINS%2C+Aline+Gomes.+A+no%C3%A7%C3%A3o+de+crise+no+campo+da+sa%C3%BAde+mental%3A+saberes+e+pr%C3%A1ticas+em&aqs=chrome..69i57.1870j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 29 mar. 2018.

MEC, Ministério da Educação e Cultura, 2018 (site). Cadastro de Instituições de Ensino Superior. Brasília - DF: **MEC**, 2018. Disponível em: <emec.mec.gov.br/> Acesso em 11 de Set. de 2018.

MEC, Ministério da Educação e Cultura, 2018 (site). PROUN: como funciona. Brasília - DF: **MEC**, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/prouni-sp-1364717183/como-funciona>>. Acesso em 21 de julho 2018

MEIRA, M. C. R. **A evolução da família e suas implicações no cuidado dos filho**. Foz do Iguaçu, 2008. Disponível em: <<http://revista.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/viewFile/53/46>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da Mota. **Metodologia de Pesquisa em Desenvolvimento Humano: Velhas Questões Revisitadas**. Psicologia em Pesquisa. UFJF. 4(02), 144-149, julho-dezembro de 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v4n2/v4n2a07.pdf>> Acesso em 30/08/2018.

VILARINHO, S. Emigração, imigração ou migração? In: **Mundo Educação**, 2018. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/gramatica/emigracao-imigracao-ou-migracao.htm>>.

OCDE, Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 2018 (site). Relatório Global. Paris - FR: **OCDE**, 2018. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>> Acesso em 11 de Set. de 2018.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Relatório Mundial da Saúde. Genebra: **OMS**, 2017.

OLIVEIRA, C. T. de; DIAS, A. C. G. **Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos**. Santa Maria - RS, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/13347/11708>>. Acesso 15 de abr. 2018.

OLIVEIRA, S. B. **Crise psicológica do universitário e trancamento geral de matrícula por motivo de saúde**. 2007. 227 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília: Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2817/1/2007_SimoneBohrydeOliveira.pdf>. Acesso em 07 fev. 2018.

OULHAJ, L. **Globalização, Migrações Internacionais e Pobreza Um Ponto de Vista Marroquino Colóquio Globalização, Pobreza e Migrações**. Coimbra, 2007 Disponível em http://www4.fe.uc.pt/ciclo_int/doc_06_07/oulhaj.pdf>. Acesso em 30 mar. 2018.

PADOVANI, Ricardo da Costa *et al.* **Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário**. *Rev. bras.ter. cogn.*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 02-10, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100002&lng=pt&nrm=iso>.

Acessos em 19 jul. 2018.

PEREIRA, A. de A.; VIANNA, P. C. de M. **Saúde mental**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: < <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1730.pdf>>. Acesso: 22 abril 2018.

PIRES, M. C. C. **Política econômica e estabilização: uma breve análise da recessão brasileira**. Brazilian Keynesian Review, v.2, n.2, p.247-51, 2016b.

ROCHA, E. A. da; DOLSAN, H. A.; STIEHLER, P.; PEREIRA M. R. **Migração universitária**. Universidade do Vale do Itajaí – Univali, 2015
Disponível em: < https://dadospdf.com/download/migraao-universitaria-5a44efafb7d7bc891f926557_pdf>. Acesso: 24mar 2018.

SANTOS, G. G.; SILVA, LC. **A evasão na educação superior: entre debate social e objeto de pesquisa**. In: SAMPAIO, S. M. R., org. Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 249-262. ISBN 978-85-232-1211-7.

SENNETT, R. **Fracasso**. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, C. H. da. **Crise na saúde mental: visão da equipe multiprofissional**. Lajeado 2013. Disponível em:
<<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/353/1/CAROLINESILVA.pdf>>. Acesso 26 abr. 2018.

SILVA, M. B. Duarte da; CREMASCO, M. V. F. **Migração e refugio, contribuições da Psicologia**. UFPR, 2015. Disponível em:<<http://www.dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2015/migracaorefugiopsicologia.pdf>>. Acesso: em 08 mar. 2018.

SOUZA, C.Z. V. G. **Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites**. FACOS/RS, 2004. Disponível em: < <https://scielo.conicyt.cl/pdf/udecada/v12n20/art03.pdf>>. Acesso: 28 abr. 2018.

SZMRECSANYI, Tamás. Migração portuguesa no Brasil. **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2003, vol.23, n.45, pp.313-316. ISSN 0102-0188.

TEIXEIRA, Irenides. Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas. 2014. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, **Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2014.

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicol. esc. educ.**[online]. 2008, vol.12, n.1, pp. 185-202. ISSN 1413-8557. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a13.pdf>>. Acesso 15 de abr. de 2018.

TRANCOSO, A. E. R.; OLIVEIRA ,A. A. S. **Juventude: desafios contemporâneos conceituais.** Em **Estudos Contemporâneos da Subjetividade.** vol. 4. UFAL, 2014
Disponível em:
<<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/viewFile/1371/1048>>. Acesso: 28 abr. 2018.

ZLUHAN, Mara Regina; RAITZ ,Tânia Regina. **Um estudo com jovens: transição do Ensino Médio ao Ensino Superior.** X ANPED SUL, Florianópolis, 2014.
Disponível <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/325-0.pdf
Acesso em 23 de julho 2018.

YAMAMOTO, O. H. (2006). **Graduação e pós-graduação em Psicologia: relações possíveis.** Revista Brasileira de Pós-Graduação, 3(6), 270-281.